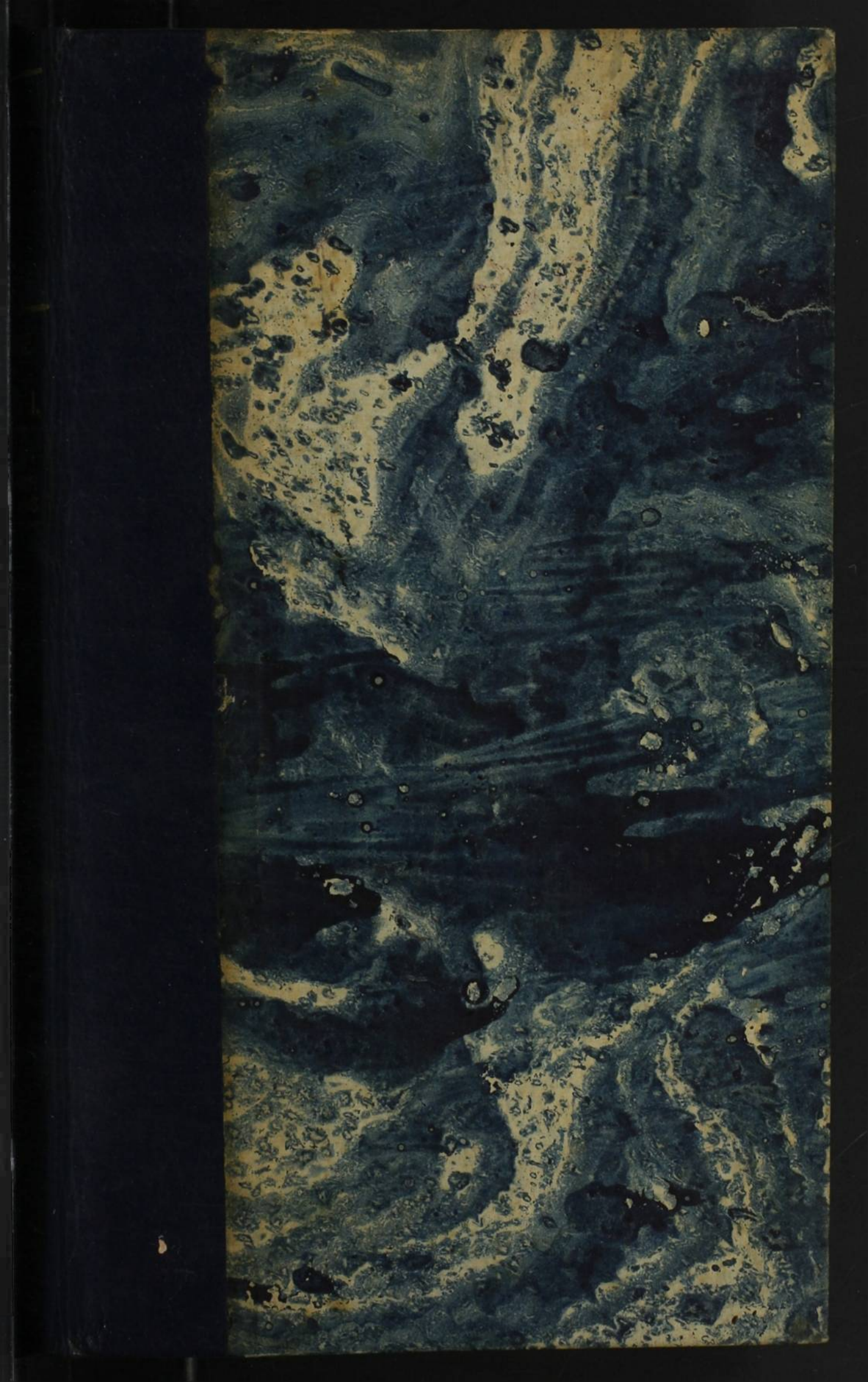
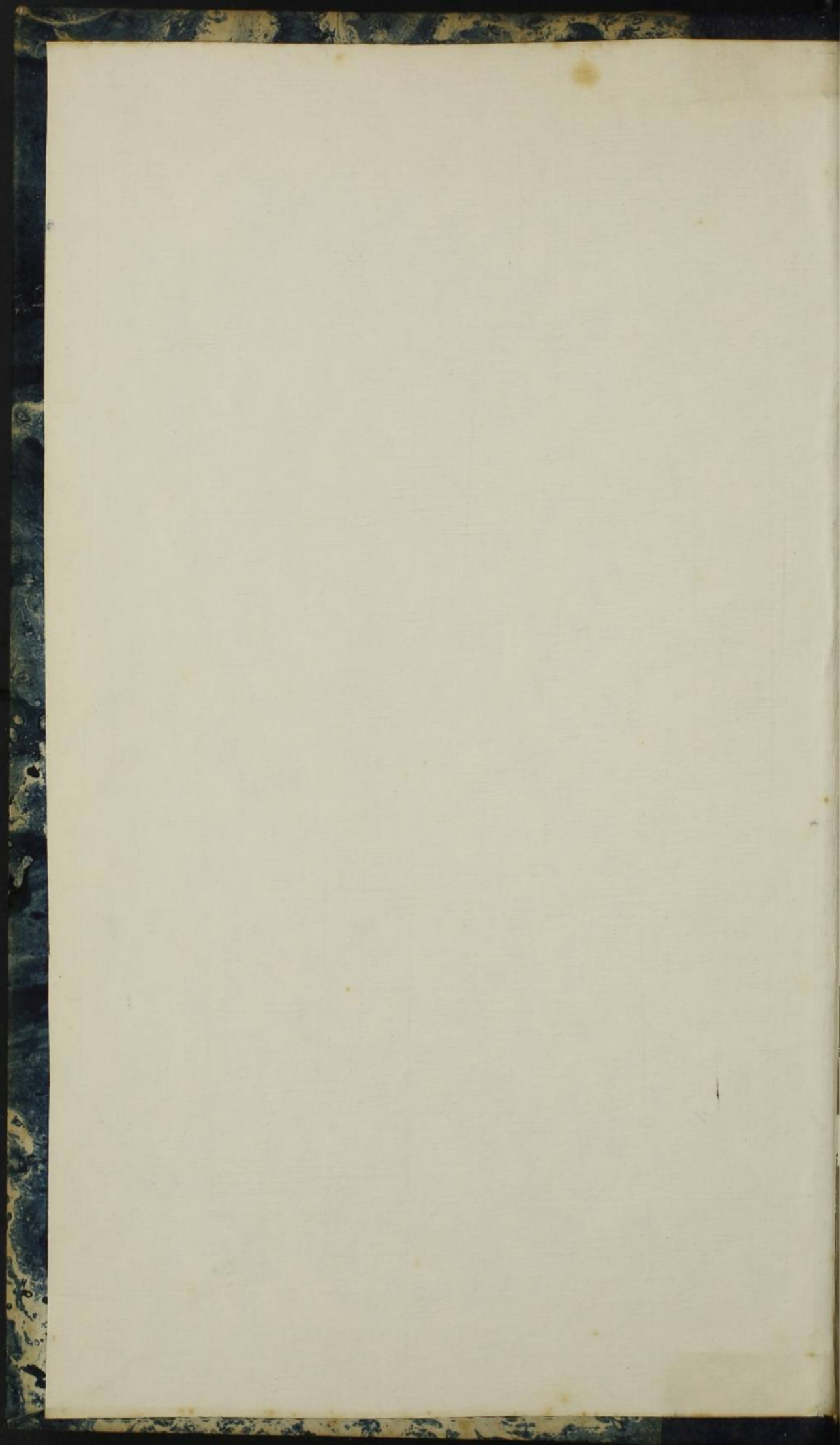
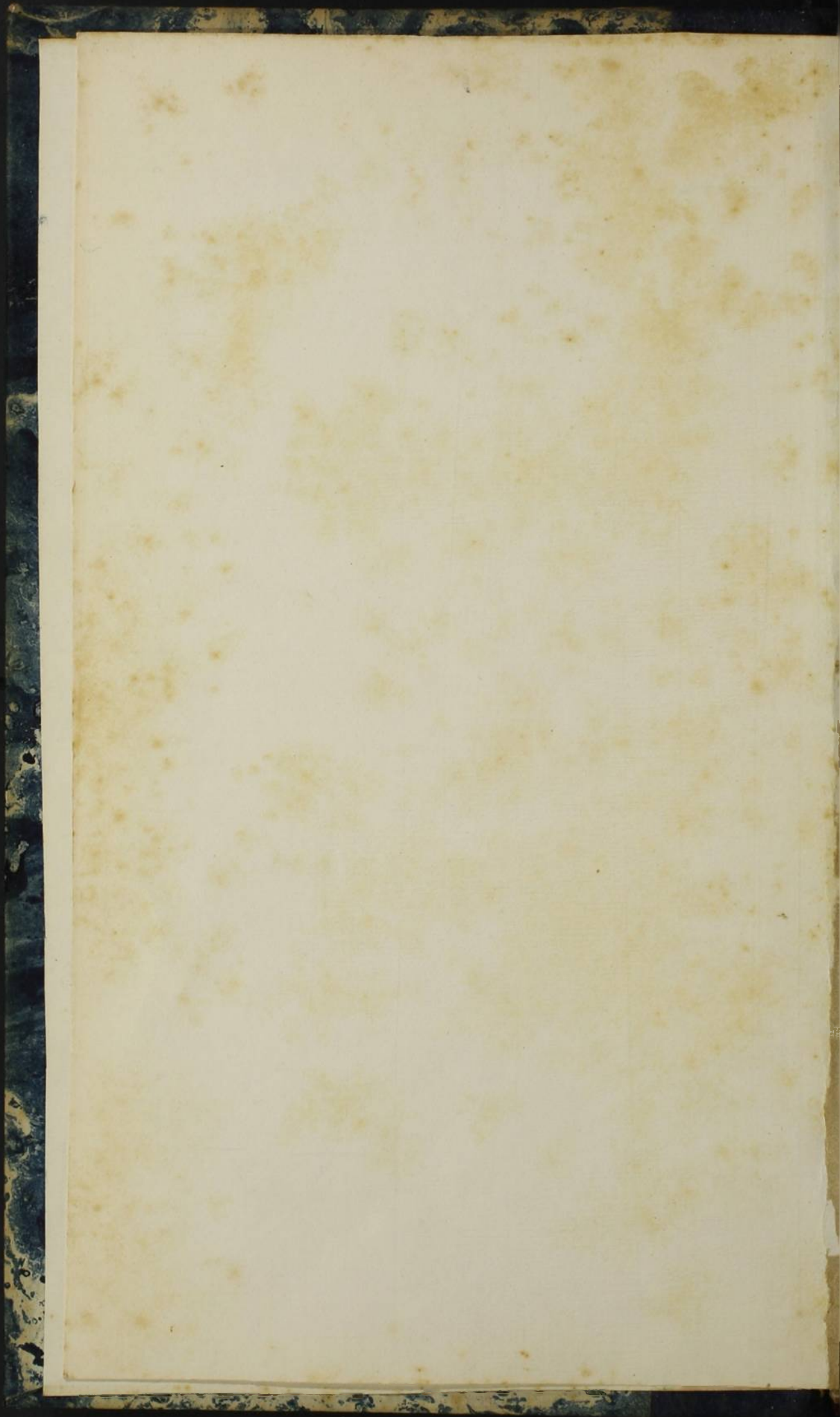






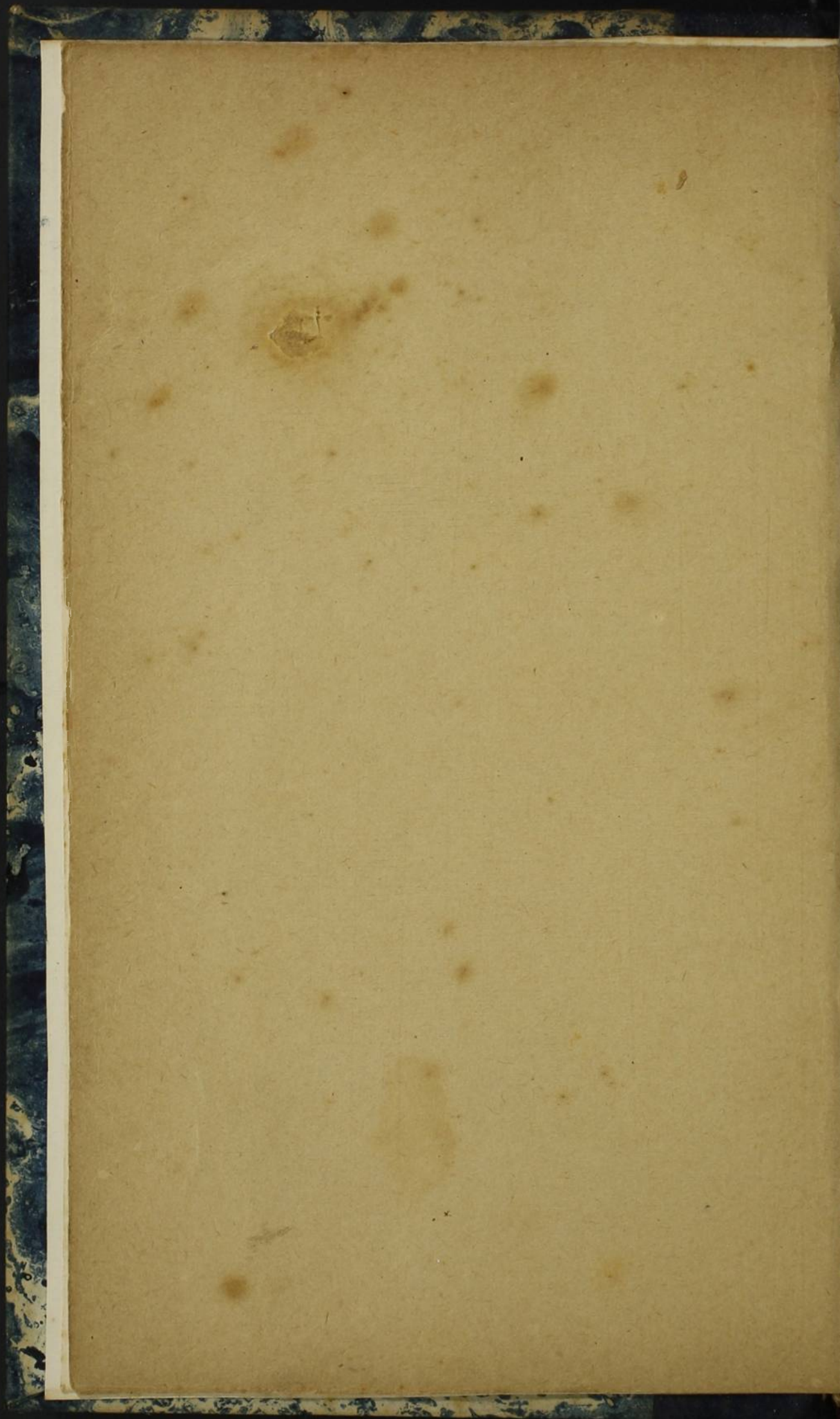


HISTOIRE
DE
NICOLAS I.
ROY
DU PARAGUAI.
ET
EMPEREUR DES MAMELUS.



A SAINT PAUL.

1756.



ELIO VA

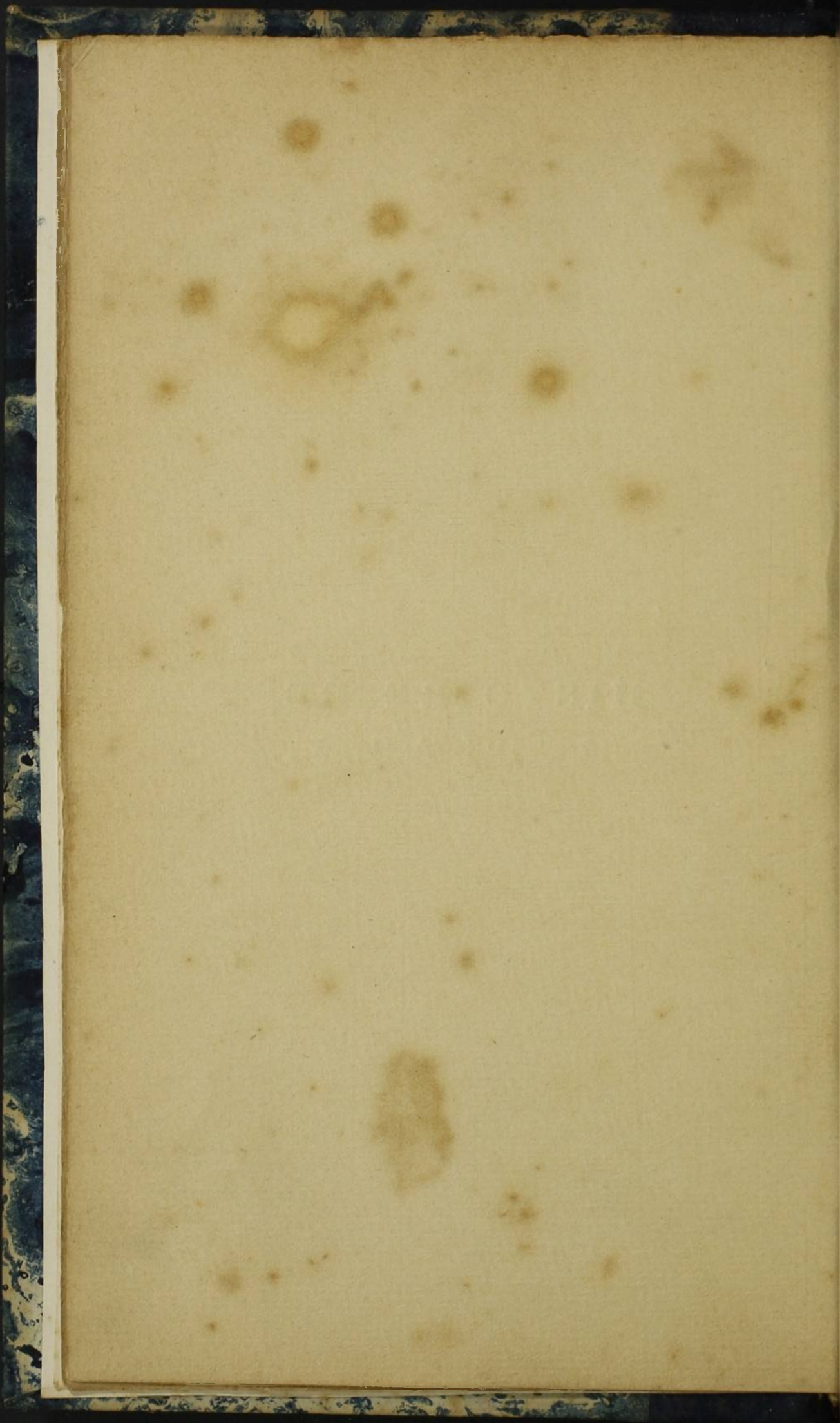
RAVESSA DO

RI

HISTOIRE DE
NICOLAS I.

azul

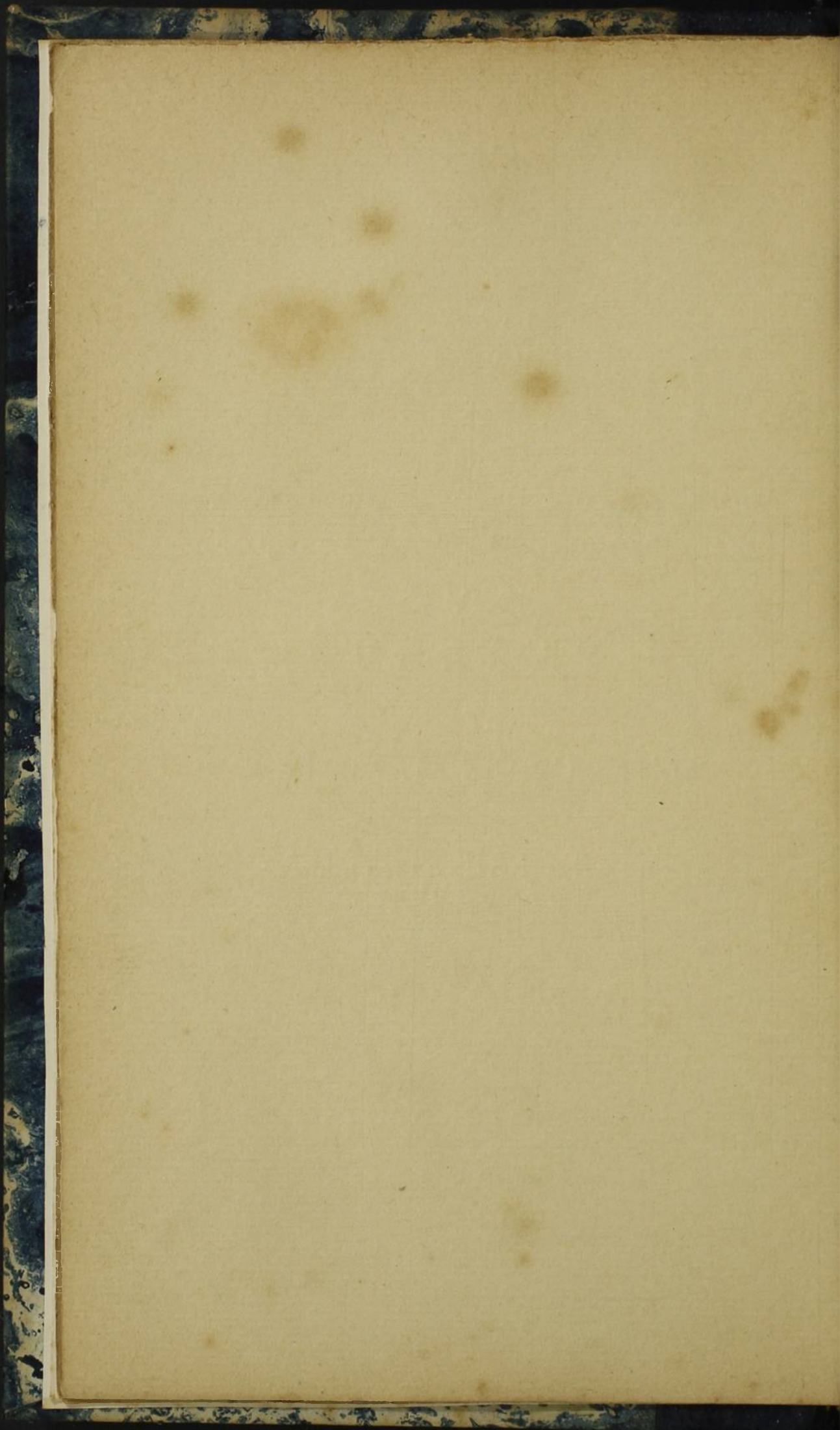
linéig



HISTOIRE
DE
NICOLAS I.
ROY
DU PARAGUAI,
ET
EMPEREUR DES MAMELUS

EDIÇÃO FAC-SIMILAR
ANOTAÇÕES DE
RUBENS BORBA DE MORAES
E
AUGUSTO MEYER

Livraria-Editora ZELIO VALVERDE
Travessa do Ouvidor, 27
RIO — 1944



Com esta edição fac-similar da "Histoire de Nicolas I" iniciamos uma série de reimpressões de livros raros e curiosos.

Este primeiro volume aparece sob o alto patrocínio do Instituto Nacional do Livro.

OS EDITORES

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Era moda no século XVIII escreverem-se pequenos contos baseados em fatos verdadeiros. Aproveitava-se um acontecimento em voga, fantasiava-se a história e vendia-se o livro para explorar a curiosidade do público. Tinham êsses impressos sucessos de momento. Eram geralmente encomendados a escritores sem grande fama e publicados sem o nome do autor. Para excitar a curiosidade do público, escolhia-se um título sugestivo e imprimia-se a obra sem declarar o editor e, em muitos casos, inventava-se o nome de uma cidade para figurar como lugar de impressão. Como se vê, tudo era feito de maneira a dar um cunho misterioso e clandestino a êsses livros, e por meio dêsses estratagemas facilitar a sua venda.

Foram sobretudo os livreiros de Haya e Amsterdam que mais exploraram êsse gênero de publicação. Êsses livros eram, nos séculos XVII e XVIII, editados na Holanda, pelo fato dêsse país gozar, nessa época, de maior liberdade de imprensa e não estarem

VIII

ali os editores sujeitos a censura tão severa e a privilégios tão rigorosos.

Entre a série incontável de livros desse gênero publicados no século XVIII, um deles tornou-se célebre entre os bibliófilos sulamericanos: *Histoire de Nicolas I roy du Paraguai, et empereur des Mamelus*. Não traz nome de autor e como "imprenta" a simples indicação de "Saint-Paul 1756" e nada mais.

Leclerc foi um dos primeiros que descreveu este interessante livrinho. Julgava-o um panfleto contra os jesuítas e provavelmente impresso na Alemanha.

Não nos parece que tenha razão o bibliógrafo francês. A história de Nicolau I não é propriamente contra os jesuítas ou, melhor, não é diretamente um ataque aos jesuítas, como tantos livros publicados nessa época. Os padres da Companhia e a personalidade obscura de Nicolau servem mais como canevás para o autor anônimo bordar uma série de aventuras inverossímeis, destinadas a divertir o leitor. A história de Nicolau I não nos parece um livro contra os jesuítas, mas um livro escrito a pretexto dos jesuítas. Quanto à hipótese aventada por ele, de ter sido impressa na Alemanha, parece-nos pouco provável. Como já dissemos, esse gênero

IX

de publicações, era no século XVIII, uma especialidade holandesa.

O fato da *Histoire de Nicolas I* ter sido impressa em francês não é argumento a favor de uma edição feita em França (dado o gênero da publicação) mas sim na Holanda, onde se imprimiam no século XVIII mais livros em francês que em qualquer outra língua. Obras desse gênero e em francês são reconhecidamente impressas na Holanda, por todos os bibliófilos e é até estranhável que Leclerc tenha levantado essa hipótese.

Quanto ao fato do livro trazer na página de rosto como lugar de impressão a cidade de "Saint Paul" é evidentemente uma fantasia do editor e uma alusão a S. Paulo de Piratininga, pátria dos bandeirantes, cujas façanhas eram conhecidas na Europa através das relações de viagens e das inúmeras publicações sobre as missões do Paraguai.

Não há dúvida que o autor da *Histoire de Nicolas I* estava muito bem informado sobre as reduções jesuíticas. Lera muita coisa, tinha muita informação exata.

Tôda essa ciência adquirida em leituras é que lhe serviu de base para escrever as suas fábulas e imaginar as aventuras de Nicolau.

X

Augusto Meyer, com erudição e habilidade, mostra o que há de verdadeiro a respeito do índio (ou dos índios) Nicolau, transformado pelo autor da história em Nicolau Rubiuni e Nicolau I. Haveria um estudo interessante a fazer sobre as fontes desse interessante livrinho. Talvez haja quem o queira fazer...

Da *Histoire de Nicolas I*, conhecemos as seguintes edições: duas datadas de Saint Paul, 1756. Diferem bastante no aspecto e trazem vinhetas diferentes. Uma delas contém 88 páginas e outra 117.

De uma dessas edições fêz-se uma tradução para o italiano com o título de "*Storia de Niccoló Rubiuni detto Niccoló Primo re del Paraguai ed Imperatore de Mamalucchi. Tradotta dal Francese. Con Aggiunte ricavate dalle Lettere del Paraguai. In Lugano, L'Anno M.DCC.LVI*". Dessa edição italiana creio que existem duas edições.

Em 1761 apareceu, como tendo sido impresso em Buenos Aires desta vez, um pequeno folheto de 28p. com o título de "*Nicolas Premier jésuite et roi du Paraguai*". Na página de rosto indica-se que fôra impresso "*aux dépens de la Compagnie avec permission du général et du gouverneur*".

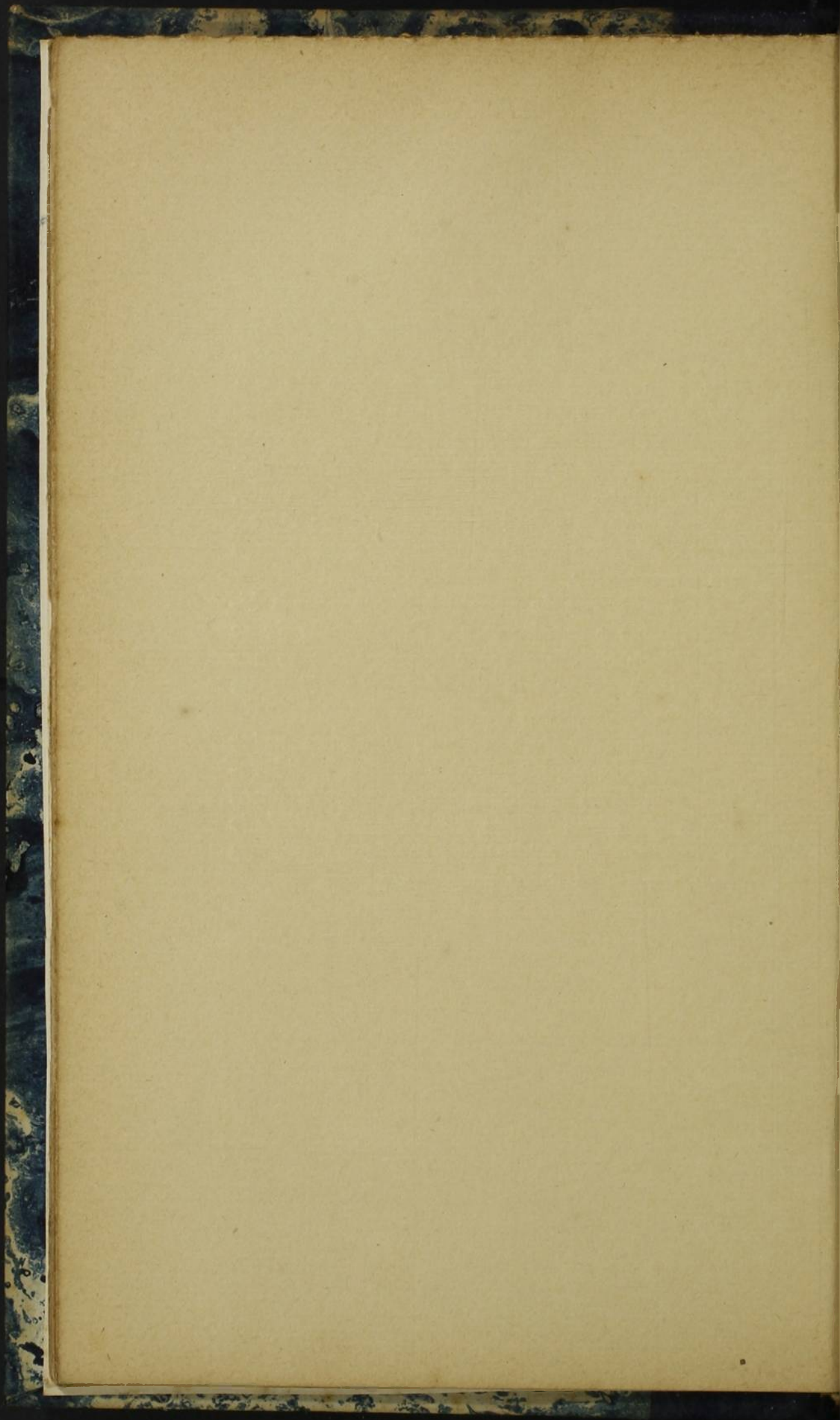
XI

Não tendo podido consultar este último volume apesar de buscas nas nossas bibliotecas, não posso afirmar se se trata de um livro diferente da "Histoire" ou se uma adaptação ou tradução. É mais provável que seja uma nova obra feita com intuito de aproveitar o sucesso da primeira e dada, falsamente, como tendo sido impressa em Buenos Aires, à custa da Companhia de Jesus e com licença do governador.

A pobreza de nossas bibliotecas em bibliografias e catálogos e a dificuldade de se pesquisar com eficiência entre nós, não nos permitem fazer um estudo sério sobre as edições da Histoire de Nicolas I.

Aqui deixamos apenas algumas notas para chamar a atenção dos nossos bibliógrafos para estes pequenos problemas. Fazemos votos para que outros, com mais habilidade e dispondo de bibliotecas melhores, possam resolver todos esses problemas.

RUBENS BORBA DE MORAES



NICOLAU NEENGUIRÚ

NOTA BIOGRÁFICA

Sôbre dois perfís de índios missioneiros, Nicolau Neenguirú e José Tiaraiú, no fundo tão vagos, tão sumidos no conflito formidável de interêsses, em que representam quando muito um episódio pitoresco, criaram-se dois tipos lendários. José Tiaraiú, cognominado Sepé, transformou-se no “São Sepé” da tradição gaúcha, herói de um romance popular. Nicolau Neenguirú, o terceiro cacique dêste nome, tornou-se o famoso Nicolau I, Rei do Paraguai e Imperador dos Mamelucos.

Pouco sabemos a respeito do terceiro Neenguirú, “...aquele famoso Nicolás, assunto de las gacetas extranjerias”, como dizia Bucareli. O fantasma de Nicolau I projetou a sombra do seu vulto grotesco sôbre o índio de Concepción, notável quando muito pelo talento musical que lhe atribuem e certa loquacidade arengueira de cacique.

XIV

Quem nos dá notícia mais longa sôbre êle é o padre Cardiel, na sua "Relación verídica de las Misiones de la Comp. de Js. en la Provincia, que fuè del Paraguay, y solución de algunas dudas sobre las mismas", escrita em 1772. Na sua "Duda 9", intitulada "De donde se originó la fabula del Rey Nicolao?", dizia o jesuita:

"El origen de nuestro Rey Nicolao fue este. En el Pueblo de la Concepcion era Corregidor un Indio llamado Nicolas Nêenguirú, que avia sido gran musico. Era loquaz, de grande facilidad en hacer arengas, y de bastante capacidad. A este le nombraron por Commissário General en la Plaza del Pueblo de San Juan, en tiempo que los Indios resistieron à los Españoles. Assi me lo affirmó el Mayor General del Ejercito Español, que tomó informaciones de unos Indios, que cogieron prisioneros; assegurandome, que no testificaron que avia sido nombrado por Rey sino solo por Comissario General. El jamas fué, ni Capitan General, ni aun Comissario General con ejercicio: porque en la resistencia que hicieron, que fueron los Indios de algunos seis, ó 7 Pueblos, solo obedecian los de cada Pueblo al Gefe del suyo, y no de otro: y assi iban con grande desorden, y desconcier-

XV

to sin tener una cabeza para todos, sino muchas, y harto malas. Los españoles que sabian algo de la lengua de los Indios, que era la gente mas baja del ejercito, les preguntarian con instancia por el que se avia levantado por Rey. Y como los los (sic) Indios veian que deseaban tanto, que les digeren, que avia Rey; y el Indio communmente dice aquello que desea el Español que le digan; porque como son de genio aniñado se les dá muy poco el mentir; y como el dicho Nicolas tenia fama, y algun sequito, les dirian que este era el Rey. Esta gente baja diria à los Capitanes, y à otros officiales, que decian los prisioneros que avia un Rey llamado Nicolas Nêenguirú; y estos lo escribirian à España. No sabemos, que de otra causa aya nacido esta fabula. Despues de aver entrado el Ejercito, y aver hechado à los Indios de los siete Pueblos el Nicolas se quedó quieto, y sosegado en el suio que no pertenece à los de la Linea divisoria; y assi perseveró por diez años hasta el Arresto de los Padres. Y en este tiempo le tube yo quatro años por mi Feligres. . .”

Devemos a Aurélio Porto a investigação recente mais completa acêrca dos três caciques dêste nome — Neenguirú, Languirú, Nanguerú, a grafia é arbitrária, mas prevale-

XVI

ce Neenguirú — o qual se acha ligado à fundação e à queda dos povos jesuíticos.

De fato, o primeiro Nicolau Neenguirú (? — 1643) que é, talvez, o de maior prestígio, o mais acatado pelos padres, aparece na história missioneira por volta de 1619, quando, à frente de outros caciques e índios, vai a N. S. da Encarnação de Itapua, onde o padre Diego de Boroa os levou à pia, no seu fervor de catequese. A 25 de outubro do mesmo ano, partia o padre Roque Gonzalez de Santa Cruz para o Uruguai, e é pela mão de Neenguirú que ele atravessa o grande rio e pisa em campos do atual Rio Grande. Veio-lhe o nome de batismo da fundação de São Nicolau do Piratiní. Escreve Aurélio Porto: “Quando o padre Roque e seus companheiros são martirizados em Caró, e toda a terra se rebela contra os padres, é Nicolau Neenguirú quem consegue sossegá-la, aquietando os selvagens; e quando os paulistas caíram com suas bandeiras sobre as reduções do Tape, é ainda ele que, à frente de um milhar de índios, que houvera industriado na arte da guerra, as socorre, e protege os sacerdotes que se retiraram com as suas chusmas inermes; e é finalmente, como capitão-general de todos os índios, por patente dos governadores de Bue-

XVII

nos Aires, quem comanda, na batalha de Mbororé, e vence a última bandeira que penetra o território das Missões”.

A ânuia de 1708, de Conceição, faz referência a um segundo Nicolau Neenguirú, nomeado mestre-de-campo, conforme patente conferida pelo governador de Buenos Aires.

O terceiro Nicolau, vítima da fama que lhe foi imposta, deixou alguns vestígios da sua atividade na crônica das Missões. Conhecida a explicação de Cardiel, devemos seguir o seu rasto nos “Documentos sôbre o Tratado de 1750”, na preciosa “Coleção de Angelis”, da Biblioteca Nacional, e em “História das Missões Orientais do Uruguai”, de Aurélio Porto. A essas fontes de consulta, convém acrescentar a correspondência do governador don Francisco de Paula Bucareli y Ursua, publicada na “Revista de Buenos Aires”, em outubro de 1865. Também me parece indispensável recomendar a obra tão densa, tão rica em documentação conscienciosa, de Rómulo Zabala e Enrique de Gandía, “Historia de la Ciudad de Buenos Aires”, onde há referências interessantes a Neenguirú, e a seguinte nota a propósito do opúsculo que aqui se reproduz na versão francesa: “La Historia de Nicolás I, rey del Paraguay y em-

XVIII

perador de los Mamelucos, que tanto dió que hablar en España a mediados del siglo XVIII, es una novela mal hilvanada que ni siquiera tiene la gracia, el ingenio del *Candide* de Voltaire. Nada se sabe acerca de su autor. El Sr. Juan A. Pradere dió a conocer el texto exacto de esta fantasía en un opúsculo de 47 páginas aparecido en Buenos Aires en 1911, en el cual se halla, además, una interesante introducción con los pareceres de varios jesuítas que trataron al infeliz cacique sobre el cual se acumularon tantas invenciones."

Em tôdas as referências que ocorrem nos "Documentos sôbre o Tratado de 1750", aparece o índio como general em chefe na resistência oposta ao despejo. Os índios ouvidos em depoimento jurado falam no "comissário geral", ou "superior de todos os povos", ou "superior mor"; o padre Tadeu Henis esclarece: "...Don Nicolas Neenguirú, el principal de la Concepción, que acababa de ser elegido Capitan General por comun acuerdo de todos..."

Auzmendi, diretor geral da Secretaria de Estado, em ofício ao ministro Ricardo Wall, observa que, a instância do cura de Concepción, "fue declarado por General de todos los índios" e mais adiante alude à "...distincion

XIX

y ceremonias nunca vistas con que el Superior trató al General Índio Neenguirú”.

Segundo Aurélio Porto, o terceiro Neenguirú já era, por direito de hereditariedade, capitão-general de todos os índios tapes das duas bandas do Uruguai e como tal reconhecido pelos governadores de Buenos Aires, independente de qualquer designação do superior das Missões. Em “Organización social de las Doctrinas Guaranís”, afirma Hernandez que o primeiro Neenguirú foi substituído no cargo de capitão-general da guerra e justiça de tôdas as reduções do Uruguai pelo cacique don Inácio Abiarú, em 1643.

O certo é que o último Neenguirú se achava, por comum acôrdo, investido no comando dos índios que se opunham à transmissão. Recebida a ordem real de mudança imediata, parece, a julgar pelos depoimentos jurados, que, enquanto os curas promoviam a sua comunicação aos interessados em praça pública, noutros povos já se proclamava a som de clarim a nomeação de Neenguirú. Convocando os capitães, obrigara a retroceder os comboios que abalavam no rumo da outra banda. Desde logo, portanto, manifestou-se o desconcerto a que se refere Cardiel. No depoimento de Miguel Arayecha, talvez o

XX

mais interessante, apontam-se algumas desavenças e até conflitos, de que afinal resultou a tentativa de resistência organizada. A proclamação do comando supremo — depõe Arayecha — fêz-se no povo de São Lourenço, convocados os corregedores e caciques para uma junta; terminada esta, acompanharam-no os chefes a seu povo natal, Concepción, de onde escreveu a todos os sete povos, indicando o contingente que deviam enviar para a concentração planeada no sítio de Santa Catarina. Conforme o documento 153, da Coleção Varnhagen, para a ação de Caibaté, elle teria concentrado 1940 homens: "...determinó el mencionado Neenguirú marchar al cerro Caybaté del parage adonde fue difunto Sepé, con el animo de que en dicho Cerro habia de vengarse de la muerte de dicho Capitan, diciendo que los españoles no servian para nada, y que lo habian muerto por haber rodado del cavallo...".

Derrotado, recolheu-se a Concepción, sem falar aos padres que estavam em São Xavier, diz o documento, e ficou naquele povo até verificar-se a expulsão dos jesuítas.

Quando Bucareli, governador de Buenos Aires, procedia à expulsão, resolveu apresentar-se o corregedor de Concepción à auto-

XXI

ridade, e é então que o vemos retido naquela cidade, como refém, na companhia de outros caciques.

Na correspondência de Bucareli encontraremos um que outro passo referente aos últimos anos de Nicolau Neenguirú. Escreve o governador, em 1.^o de setembro de 1768, de Corrientes, a don Manuel de Basavilbaso: "También va conmigo el famoso rey Nicolás y toda su regia familia." Em outra carta, de 14 de outubro do mesmo ano: "...me avisaron que estaba inmediato el cacique Nicolás Ñaugueru (aquel famoso Nicolás, asunto de las gacetas extranjeras), de quien hablo a usted en carta separada".

Teschauer, aproveitando um relatório de Bucareli, fala na consideração com que o tratavam os outros chefes, pois parece que levava séquito, e diz que lhe foi concedido traje de cavaleiro à usança espanhola.

Mas, para encerrar esta nota biográfica feita de retalhos mal costurados, prefiro dar a palavra a um capitão de granadeiros, que escrevia de Yapeyú, em 19 de julho daquele mesmo ano: "También vimos ayer al famoso Nicolás al que tenían tanto interés en mantener encerrado. Estaba en un estado deplorable y casi desnudo. Es un hombre de

XXII

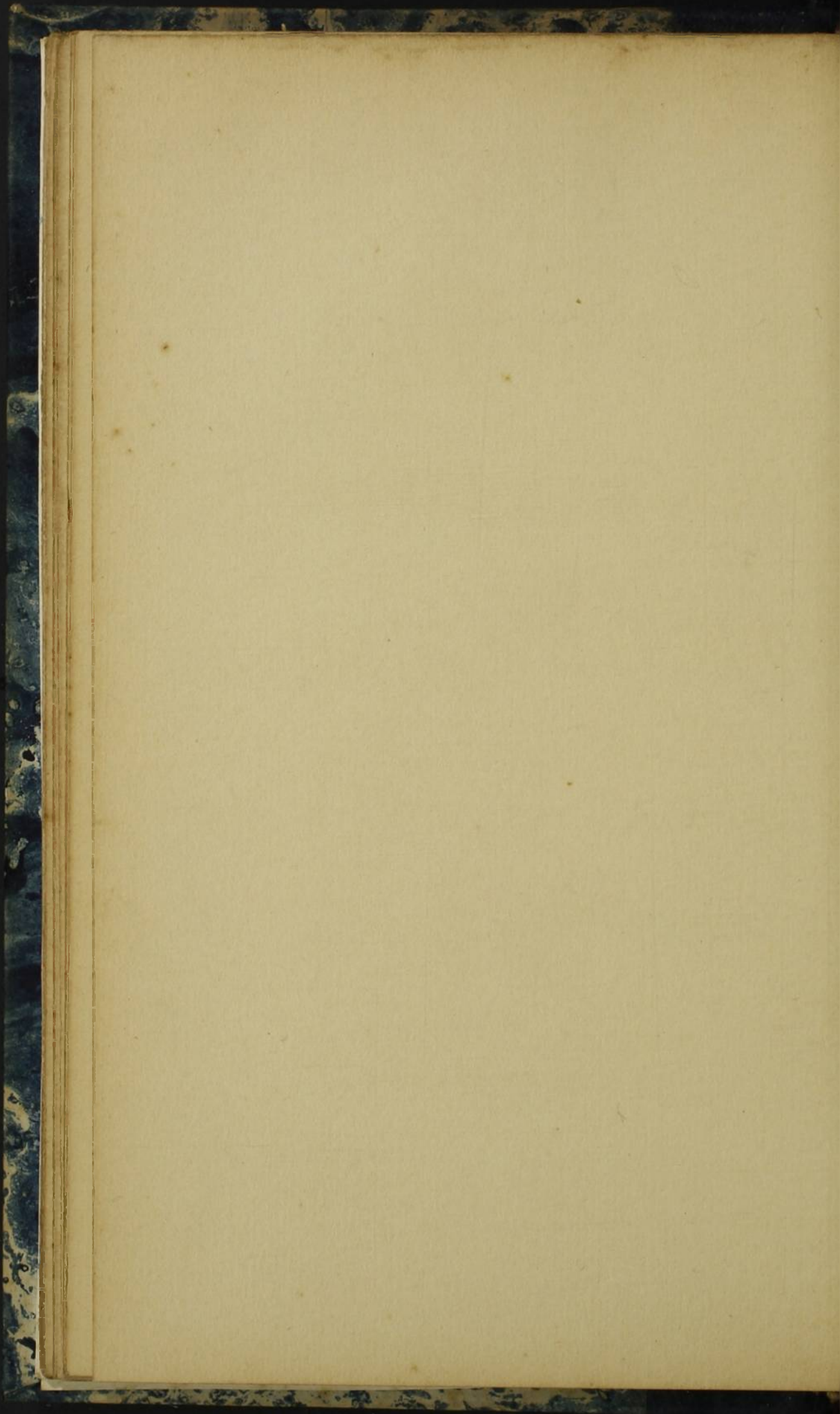
setenta años y no carece de buen sentido. S. E. le habló largamente y pareció quedar muy satisfecho de su conversación”.

Há o sabor da verdade nessa carta; o sabor da verdade e a ironia de um destino.

E’ preciso prevenir o leitor incauto de todos os tempos contra Nicolau I, Rei do Paraguai e Imperador dos Mamelucos, que já fêz correr tanta tinta inútil, inclusive a desta nota: embora não passe de uma caricatura, êle é o símbolo da velha mistificação que se apresenta com visos de realidade histórica.

AUGUSTO MEYER

HISTOIRE
DE
NICOLAS I.
ROY
DU PARAGUAI,
ET
EMPEREUR DES MAMELUS.

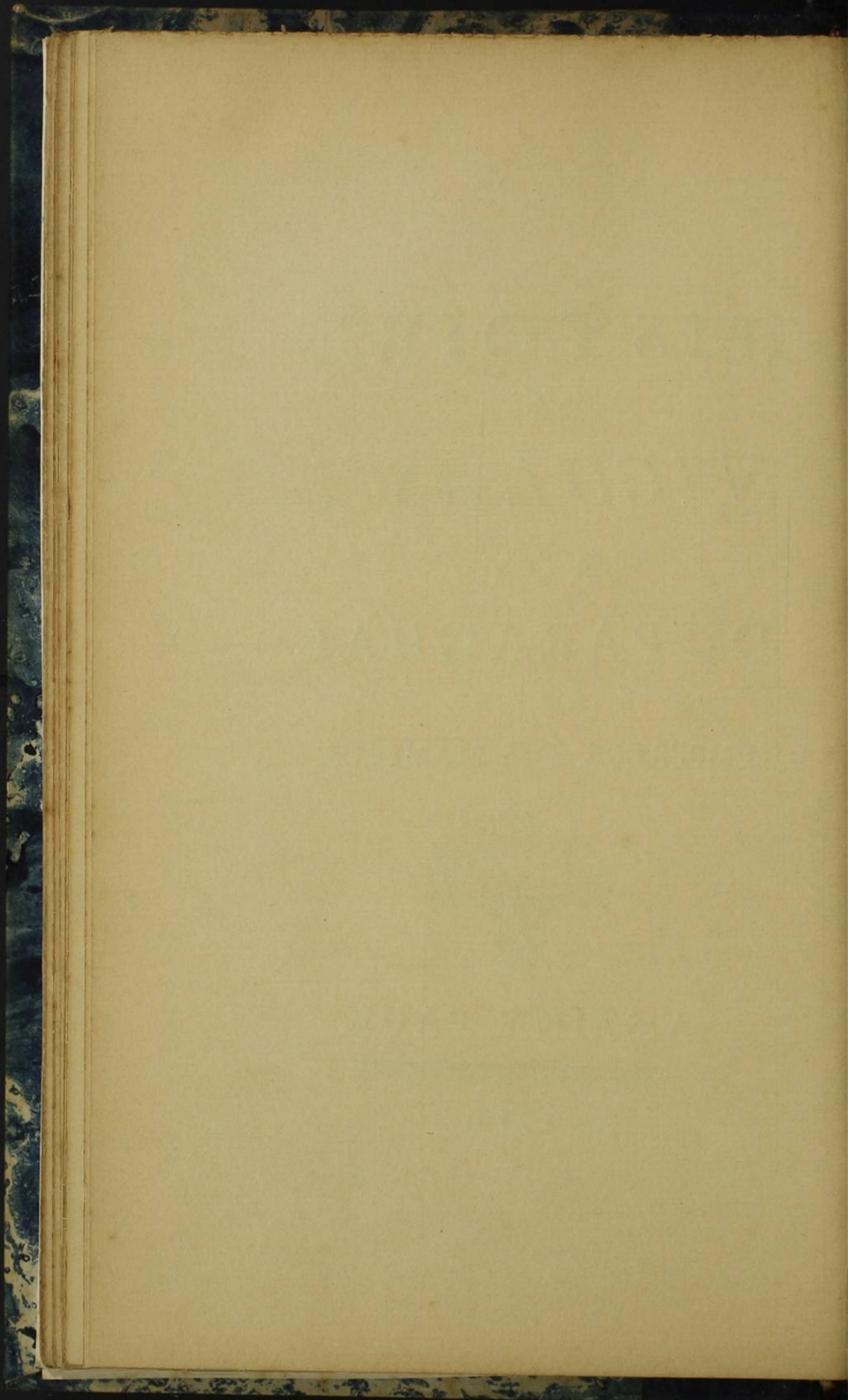


HISTOIRE
DE
NICOLAS I.
ROY
DU PARAGUAI.
ET
EMPEREUR DES MAMELUS.



A SAINT PAUL.

1756.



AVERTISSEMENT

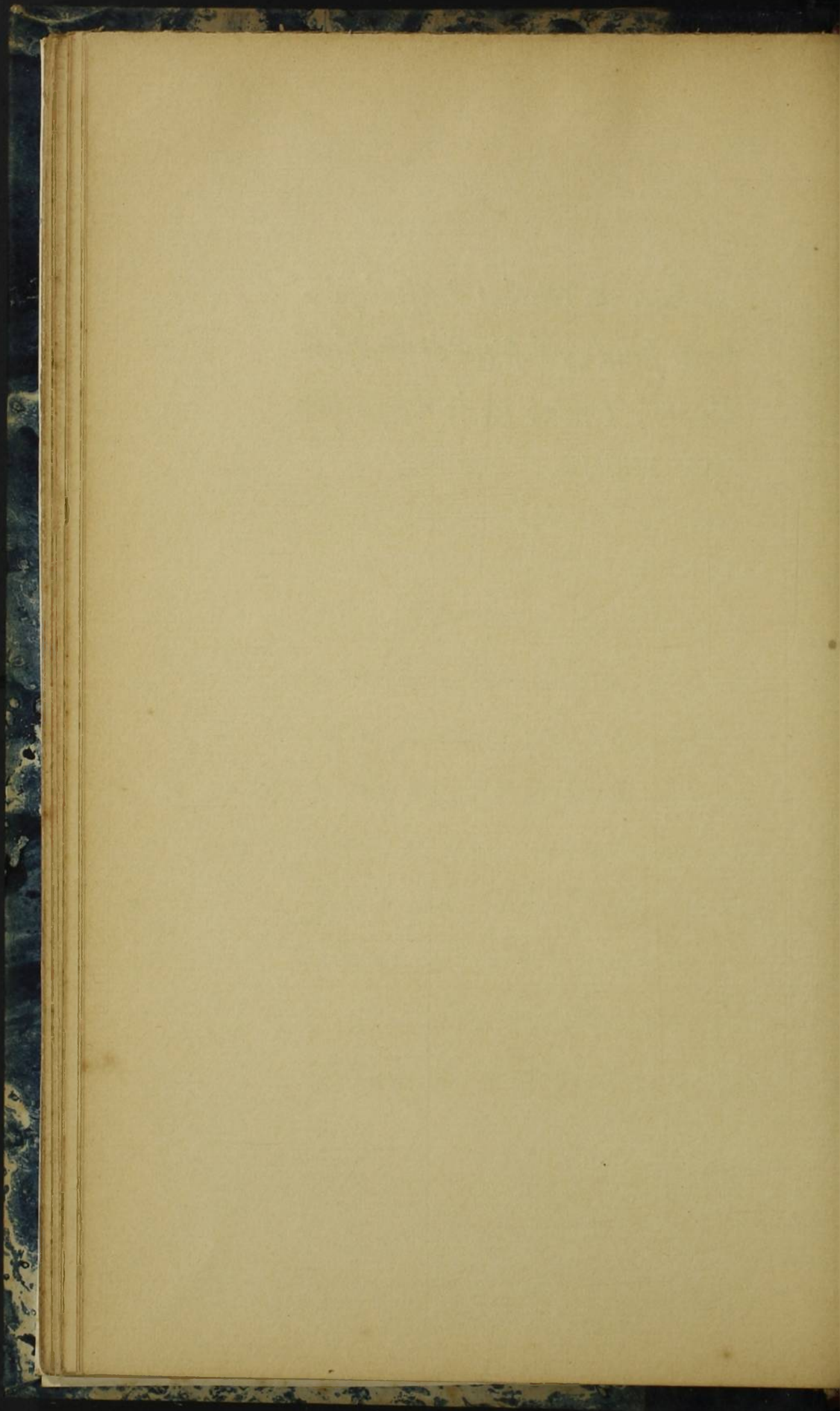
DU LIBRAIRE.

JE n'ignore pas les défauts de l'Histoire que je présente au Public ; on me les a assez montrés. J'aurois du en faire enlever toutes les taches , répétitions de phrases , négligence de stile , &c. J'ai cru devoir les y laisser. J'aurois même pu aisément faire augmenter & embellir l'Ouvrage ; mais j'ai compris qu'il me seroit plus utile , & plus agréable au Public

de le donner tel que je l'ai reçu.
Un bon Pilote, homme plus sensé que scavant, l'a écrit sur ce que des personnes sages & instruites de cette affaire singuliere lui en ont déclaré, & sur ce qu'il en a vu lui-même. L'air marin & l'air même sauvage que cette Histoire a pris au-delà & sur les mers où elle a été faite, ne peuvent que plaire aux Connoisseurs, & en assurer la vérité & mon gain.

Il est bon d'avertir encore que tout ce que les Gazettes publient

au sujet de Nicolas I. est absolument faux & destitué de vraisemblance, comme on le verra par cette Histoire.





HISTOIRE
DE
NICOLAS I.
ROY
DU PARAGUAI,
ET

EMPEREUR DES MAMELUS.

DES Mémoires récem-
ment arrivés du nou-
veau Monde , nous mettent a
portée de faire connoître au

A v

Public le fameux Nicolas I. Roi du Paraguai & Empereur des Mamelus. Nous croyons que son Histoire sera d'autant plus intéressante qu'on y verra avec étonnement un homme ambitieux, né sous une chaumière, concevoir les projets les plus vastes, suivre un plan de conduite réfléchi, lequel feroit honneur aux Politiques les plus expérimentés, prévoir les inconvénients sans nombre qui s'opposoient à ses desseins, analyser le cœur de l'homme, l'

DE NICOLAS I. II
faire fervir à la grandeur en
le remuant par des ressorts
cachés, & s'élever comme in-
sensiblement de l'état le plus
abject, à la puissance suprême.

Cet Ouvrage servira enco-
re à convaincre de la vérité de
cette maxime : *Que les grands
scélérats sont presque toujours des
hommes de génie*, & que tel
qui périt sur l'échafaut, seroit
peut-être placé dans le Tem-
ple de l'Immortalité à côté des
Héros amis de l'humanité &
de la Patrie, si la vertu eût
eu sur son cœur l'empire que

le crime y exerça. Quel Général d'armée , quel Ministre que Cromwel ! s'il n'eût point été un enthousiaste , & si sa main , au lieu de flatter l'hydre de la rébellion , eût combattu pour la bonne cause. Tant d'autres audacieux dont le nom seul fait frémir aujourd'hui le bon citoyen , seroient des modeles de courage & de fidélité , si le patriotisme les eût inspirés , & s'ils ne fussent pas sortis des bornes du rigoureux devoir.

CHAPITRE PREMIER.

Naissance de Nicolas Roubiouni.

Nicolas Roubiouni nâquit en 1710 dans une petite Bourgade de l'Andalousie, nommée Taratos. Son pere étoit un vieux Militaire qui parloit souvent des combats & des sièges où il s'étoit trouvé, & qui s'embarassoit très-peu de l'éducation de ses enfants; aussi devinrent ils presque tous le fléau & le tourment de sa vieillesse. Nicolas entr'autres apporta en naif.

sant les inclinations les plus perverses & les plus corrompues. Au reste comme les détails de son enfance n'ont rien qui soit digne de l'attention du Public , nous observerons qu'à l'âge de dix-huit ans ayant voulu assassiner un particulier , il fut obligé de sortir de son pays natal , n'emportant de la maison paternelle que deux pistolets & une bague d'un assez grand prix , laquelle appartenoit à sa mere.

CHAPITRE II.

Filouteries de Roubiouni.

CE fut à Séville que Roubiouni se refugia. A peine y fut-il arrivé , qu'il vendit la bague & les pistolets que la nécessité lui rendoit inutiles ; car il falloit vivre, & il étoit dans cette Ville sans aucune connoissance. Le peu d'argent que ce vol domestique lui avoit procuré , ne tarda pas à être mangé. Quand il se vit absolument sans ressource , il fréquenta les

Jeux publics & les Eglises. Qui croira que cela l'ait fait vivre durant près de quatre ans? Une chose lui réussissoit singulièrement ; c'est que dans les Caffés & dans les Jeux de Paulmé il payoit de beaucoup d'effronterie , & que dans les Eglises il étoit hypocrite & très-adroit.

Cependant parvenu à l'âge de vingt-deux ans , Roubiouni qui avoit de la figure & un air modeste quand il vouloit se composer , crut devoir faire quelque chose. Il se sentit né pour figurer dans

une grande Maison ; car remarquez qu'il avoit toujours cherché à vivre à son aise & sans rien faire. Il entra donc chez une dévote en qualité de laquais : cette dévote l'affectionnoit depuis longtems : elle l'avoit souvent vû dans les Eglises , & avoit été touchée de tant de piété soutenue par l'éclat de la jeunesse & par la force de l'âge. On a sçu depuis qu'une femme du commun s'étoit mêlée de cette intrigue , & qu'elle avoit fait souhaiter à Roubiouni de s'at-

16 HISTOIRE
tacher au service de Dona
Maria Della Cupidita.

CHAPITRE III.

Roubiouni Laquais.

IL n'y avoit pas huit jours
que Roubiouni étoit Laquais ,
qu'on s'appercevoit déjà qu'il
étoit sur un très-bon pied dans
sa nouvelle condition. Il n'o-
béissoit presque point aux or-
dres de Dona Maria. Au con-
traire il prenoit un ton de
maître dont on ne tarda pas

DE NICOLAS I. 19

à deviner la cause. La maison de la dévote devint bientôt le rendez-vous de tous les amis de Roubiouni. Il leur donnoit insolemment des repas chez la maîtresse ; & qui plus est , la Dame Della Cupidita loin de le trouver mauvais , ordonnoit à son Cuisinier de faire ce que *Medelino* (car c'étoit son nouveau nom) jugeroit à propos de demander ; qu'elle avoit ses raisons pour cela ; que ce garçon n'étoit pas ce qu'il paroïssoit ; qu'en un mot telle

étoit sa volonté , & qu'elle ne vouloit pas qu'on y trouvât à redire. Cependant la réputation de la bonne Dame en souffroit un peu. On trouvoit singulier dans le monde qu'une veuve de quarante ans eût tant de charité , & qu'un Laquais de vingt-deux ou vingt-trois ans exerçât tant d'empire sur l'esprit d'une dévote. Enfin les choses allerent à un tel excès , qu'en 1733 un frere de Dona Maria ; Colonel d'un Régiment de Cavalerie , fut obligé de venir à Séville pour

DE NICOLAS I. 21

chasser ce malheureux , & faire cesser le scandale.

CHAPITRE IV.

Roubiouni Muletier.

Roubiouni forcé de quitter Séville, se refugia dans une Bourgade qui en est à 4 ou 5 lieues. Il esperoit de jour en jour que les Grenadiers rejoindroient l'Armée , & qu'il pourroit peut-être rentrer chez Donna Maria ; mais cette dévote étant morte deux ou trois

22 HISTOIRE

mois après sa sortie, soit de dépit, soit de honte de l'éclat que son histoire avoit fait, notre Aventurier ne sçachant quel parti prendre, s'attacha à un payfan qui avoit vingt ou trente mulets à conduire, & qui transportoit d'une Ville à une autre, tantôt des grains & tantôt des étoffes. Il se fit donc Conducteur de mulets, & ne tarda pas à devenir le plus insolent & le plus effronté de ceux qui font ce métier. Son plus grand talent surtout étoit de déclamer avec

emportement contre tous les usages reçus , & comme il avoit naturellement beaucoup d'esprit & de feu , il persuadoit trop facilement de crédules payfans qui l'écoutoient comme un oracle , & applaudissoient à tout ce qu'il disoit.

Un jour il fit sentir à ses camarades qu'au lieu de payer les droits d'entrée , ils devoient garder cet argent pour boire. La proposition fut reçue avec avidité , & il fut arrêté au milieu d'une campagne qu'on s'armeroit de bâ-

rons , & que ce seroit de cette monnoie qu'on payeroit les Commis. Roubiouni fut choisi pour porter la parole , & les premiers coups, si cela étoit nécessaire.

Quand les Muletiers arriverent à la porte de Medina Sidonia , les Commis ne manquerent pas , selon leur coutume , de demander les droits dus au Roi. Un d'eux s'étant présenté pour fouiller : *Tu es mort* , s'écria Roubiouni , en lui déchargeant un coup de son fouet sur la tête , & en effet
il

il fit voler la cervelle du malheureux Employé, & l'étendit mort à ses pieds. Deux autres Commis, témoins de ce meurtre, crièrent au secours en mettant l'épée à la main. A l'instant les Muletiers font pleuvoir sur eux une grêle de pierres. Les vitres du Bureau furent brisées, les Régistres déchirés, le Comptoir pillé, & les Gardes de la porte obligés de s'enfuir.

Roubiouni & ses compagnons-entrèrent triomphants dans la Ville, se vantant d'a-

voir aboli les impôts. Leur premier soin fut d'aller dépenser au Cabaret l'argent de la Ferme des Aides. A peine y étoient-ils entrés, qu'ils apprirent de bonne part que cinq ou six Cavaliers étoient commandés pour les arrêter à une lieue de la Ville, quand ils retourneroient chez eux. Cet avis déconcerta tellement nos intrépides Muletiers, que le Chef de l'entreprise ayant vu sur leur visage la frayeur dont ils étoient pénétrés, crut que de tels gens pourroient fort

bien l'abandonner dans le péril, & que le plus sûr étoit de se tirer adroitement de ce mauvais pas.

Il ne dit rien de cette résolution secrète à ses camarades ; au contraire leur ayant représenté que quinze hommes pouvoient en battre six, il les rassura & fit semblant d'aller acheter des pistolets de poche , afin d'être en état , disoit-il , de faire face à l'ennemi.

Il sortit en effet : mais ce fut pour aller chez une vieille femme de sa connoissance, qui

lui prêtoit souvent des habits de caractere, sous lesquels il faisoit de tems en tems d'assez bons coups sur les grands chemins : car quand il étoit désœuvré chez son maître le Muletier, il prétextoit des raisons d'aller à Medina Sidonia, & il dévalisoit les passants. Il choisit donc chez cette recéleuse des habits de Cordelier, & sous ce nouvel accoutrement il prit audacieusement le chemin où il sçavoit que les six Cavaliers étoient postés. Le Brigadier croyant voir un Re-

ligieux , lui demanda s'il n'avoit pas vu des Muletiers sur la route. *Monsieur* , répondit Roubiouni , *on prétend que vous êtes trahis , & que ces coquins tâchent de gagner Cordoue.*

Le Brigadier trompé par cette fausse confidence , partit avec sa troupe à toute bride , & courut , dit-on , jusqu'à cette Ville. Roubiouni voyant que ce tour lui avoit si bien réussi , retourna promptement à Medina Sidonia , instruisit les Muletiers de tout ce qui s'étoit passé , leur conseilla de

retourner chez eux , & reconduisit lui-même ses mulets chez son Maître à qui il dit adieu, après s'être fait payer de ses gages. Il avoit eu soin avant tout de recevoir mille piastras d'un Marchand , & il se garda bien de les remettre au Payſan qu'il ſervoit. Il partit donc emportant l'eſtime & l'argent de Jacques Hurpinos, qui ſcut trop tard que Nicolas Roubiouni avoit enlevé le plus clair de ſon bien, après avoir aſſaſſiné un Commis.

CHAPITRE IV.

Roubiouni à Malaga.

Roubiouni fit tant de diligence qu'il arriva à Malaga. Quoiqu'il se crût en sureté dans cette Ville, il jugea à propos de supprimer le fameux nom de Roubiouni, & de ne se plus faire appeller que Nicolas. Confondu à Malaga dans la troupe des Etrangers qui fréquentent cette Ville, & commercent dans son port, il vécut durant prés de 10 ans, n'ayant pour tout bien que les

mille piaſtres de Hurpinos , & beaucoup d'induftrie. On ſent que ſes finances baiſſoient de jour en jour ; c'eſt même un prodige, que ſ'étant adonné au jeu, il ait pû ſubſiſter ſi longtemps : mais il étoit adroit comme nous l'avons déjà obſervé.

Cependant ſe trouvant ſans le ſol en 1743, il réſolut de fréquenter les Eglifes de nouveau: mais comme il étoit trop connu à Malaga pour y jouer le rôle d'homme inſpiré, il crut devoir changer le lieu de la ſcène. Il courut donc de Ville

DE NICOLAS I. 33
en Ville, & se fixa enfin à Sar-
ragosse où les Jésuites ont une
très-belle maison.

Il eut beau faire le saint
dans ce pays-là, il n'y trouva
point de dévotes, moins enco-
re de bourses à couper. Les
Arragonois sont toujours, dit-
on en sentinelle autour de
leur gousset; & l'on prétend
même que ceux d'entr'eux qui
ont de l'argent sont si ombrä-
geux qu'on n'en peut appro-
cher de cent pas.

Roubiouni voyant que le
Ciel d'Arragon étoit de fer. &

d'airain pour lui, & qu'il pourroit très-bien arriver qu'il y mourût de faim, se déterminna enfin après deux ans passés dans la plus extrême indigence, à embrasser un état solide qui lui assurât du moins la nourriture & l'habit. Il étoit fatigué de la vie errante & vagabonde qu'il menoit depuis si longtems. : il avoit d'ailleurs l'affaire de Medina Sidonia sur le cœur, & il craignoit à chaque instant d'être arrêté. La vie des Cartouches de ce pays-là qu'il avoit lûe dans ses.

DE NICOLAS I. 35

momens de délassement, l'avoit touché ; & comme il étoit homme de tête , il jugea qu'en vivant comme eux , il pourroit très-bien finir de même.

Ces réflexions fortifiées par la nécessité cruelle qui le pressoit , l'engagerent à solliciter son entrée dans quelque Maison Religieuse.



CHAPITRE V.

Nicolas est reçu Jésuite.

Nicolas se présenta au Recteur des Jésuites pour être reçu dans la Compagnie en qualité de Frere. Il dit qu'il sçavoit la cuisine, que d'ailleurs il étoit fort & vigoureux, & qu'on l'employeroit aux fonctions auxquelles on le croiroit propre. Le Recteur ayant fait d'abord quelque difficulté sur son âge, car Nicolas avoit alors trente-neuf

DE NICOLAS I. 37

ans, crut devoir l'éprouver au moins durant trois mois. Au bout de ce tems, ce Pere croyant appercevoir en lui de la douceur, de la modestie, & sur-tout beaucoup de vocation pour l'Ordre, le reçut enfin, & l'envoyat au Noviciat. Il s'y comporta si bien que l'on crut devoir s'assurer pour toujours d'un si bonSujet, & comme il demanda à faire ses vœux, on n'eut garde de s'y opposer. On l'envoya ensuite dans un College de la Compagnie, où il fut chargé

de la dépense. Comme il avoit de l'argent en abondance, & qu'on ne lui demandoit presque aucun compte de l'emploi qu'il en faisoit, par ce qu'il avoit les dehors d'un parfait Religieux, toutes ses passions se rallumerent, & il chercha à les satisfaire sans scrupule. Il ne s'appliqua qu'à sauver les apparences. Comme il étoit obligé de faire les provisions, il s'éloignoit assez souvent de douze ou quinze lieues de la Ville, sous prétexte de chercher le bon marche. Car

il passoit pour très-œconome, & quoiqu'il donnât peut-être plus de mille écus par an à ses plaisirs, on étoit persuadé que les finances de la Maison n'avoient jamais été si bien administrées. tant il est vrai que des hommes d'ailleurs très-éclairés, peuvent être la dupe d'un coquin.



CHAPITRE VI.

Frere Nicolas devient éperdûment amoureux d'une jeune Espagnole.

DAns ses différens voyages, Frere Nicolas eut occasion de voir plusieurs fois une jeune personne de quinze ou seize ans, fille unique d'un riche Marchand établi à Huefca. Elle s'appelloit Dona Victoria Fortieri. Beaucoup de modestie ajoutoit à sa rare beauté, & comme elle avoit

d'ailleurs une dot très-honnête, elle étoit recherchée par les jeunes gens des meilleures Maisons de la Ville.

Qui croira que Roubiouni, que Frere Nicolas eût imaginé de se mettre sur les rangs ? Il le fit cependant, & malheureusement pour la belle Victoria, avec trop de succès.

Il faut développer cette intrigue pour faire connoître le personnage.

Frere Nicolas loua un appartement dans le voisinage de Dona Victoria. Il commen-

ca avant tout par se faire faire de très-beaux habits ; & comme il n'étoit pas connu dans cette Ville , il s'y montra sous l'extérieur d'un laïc , & chercha à s'introduire chez M. Fortieri. Il ne tarda guères à être un des meilleurs amis de ce Marchand que l'apparence de la probité trompa , parce qu'il étoit lui-même un très-parfaitement honnête homme.

Frere Nicolas se fit passer pour un bon Gentilhomme d'Andalousie , qui avoit vendu son Régiment , & un peu

de patrimoine pour vivre tranquille & dans l'aisance : il insinua même que s'il trouvoit à Huesca une personne qui lui convînt, il se fixeroit volontiers en Arragon, où il se portoit beaucoup mieux que dans son pays natal.

Cependant comme il ne pouvoit s'absenter plus de trois ou quatre jours de suite de son Couvent, il reprenoit au tems marqué les habits de S. Ignace, & partoît, durant la nuit, de la Ville où demeurait la charmante Victoria. Il

continua ce manége pendant près de six mois , & enfin il supposa tant de lettres & tant de papiers de toute espece, que M. Fortieri qui n'approfondissoit pas trop les choses , le crut un trèsbon parti pour la fille.

CHAPITRE VII.

*Frere Nicolas se marie à la face
de toute une Ville.*

CEt infâme Séducteur osa donc au mépris de ses vœux faire publier des Bancs sous le

nom de Comte de la Emma-
dès , & se marier à la vûe de
toute une Ville où il pouvoit
être reconnu à chaque instant.

Il vécut avec Dona Victo-
ria près d'un an , c'est-à-dire
jusqu'en 1752 que ses Supé-
rieurs ayant cru appercevoir
quelque chose d'équivoque
dans sa conduite , jugerent à
propos de l'envoyer a quaran-
te lieues de Sarragosse , pour
être Portier d'un Noviciat.

Ce déplacement fut un
coup de foudre pour Frere
Nicolas qui voyoit par-là tous

ses projets dérangés. Car quoiqu'il se supposât éternellement des affaires pressantes pour pallier ses fréquentes & longues absences d'auprès de Victoria Fortieri, il la voyoit cependant deux ou trois fois par mois, & passoit plusieurs jours de suite avec elle. Il avoit soin d'ailleurs de lui fournir, *aux dépens de la Compagnie*, tout ce qui lui étoit nécessaire. Il se vit donc contraint de l'abandonner pour toujours, la laissant grosse d'un garçon dont elle accoucha cinq mois &

DE NICOLAS I. 47
demi après son départ.

Frere Nicolas se douta bien que ce mystere éclateroit , & qu'il n'étoit point en sûreté en Espagne. Dans cette étrange position , il auroit bien voulu quitter pour jamais son habit & sa Patrie ; mais comme on commençoit à éclairer ses démarches , & qu'il étoit sans argent , car il n'avoit pas pu emporter la dot de Mademoiselle Fortieri , il demanda à suivre les Missionnaires qui partoient pour l'Amérique. On le lui permit sans peine ,

parce qu'il s'étoit laissé entamer , & qu'on croyoit que c'étoit le moyen d'être débarrassé d'un assez mauvais sujet. En attendant le départ des RR. PP. on le mit pour quelques mois dans une Maison ou on ne lui donna point d'emploi.

CHAPITRE VIII.

Révolte de Frere Nicolas , & de quelques autres Freres Jésuites.

CE fut vers ce tems-là, c'est-à-dire au commencement de 1753 , que les Prêtres de la Société

DE NICOLAS I. 49

Société crurent devoir se faire distinguer des Freres laïcs dans l'intérieur de leurs Maisons. Il parut tout simple de pratiquer ce qui étoit déjà en usage en France & en plusieurs autres pays parmi les Jésuites, c'est-à-dire, de faire un Règlement qui astreignît les Freres laïcs à porter un chapeau en tout tems.

Il revint quelque chose de cette innovation aux Freres qui étoient en grand nombre dans la Maison où se trouvoit alors Frere Nicolas. Auf-

C

si-tôt ils s'assemblent en tumulte, & délibèrent pour sçavoir ce qu'il convenoit de faire dans des circonstances si délicates & si critiques. Les avis furent partagés sur le parti qu'il falloit prendre: enfin Frere Nicolas déclara que si on vouloit les forcer à porter le fatal chapeau, il falloit prouver aux Supérieurs que les Freres, tout Freres qu'ils sont, n'ont pas moins d'autorité dans la Compagnie que les Prêtres, & que si l'on persistoit à exiger une chose aussi déraison-

DE NICOLAS I. 51
nable, il falloit quitter la Société, & mettre le feu au Couvent.

Les Freres quoique fort irrités, ayant rejeté cet avis comme trop violent, chercherent à prouver aux PP. Jésuites qu'il falloit que chaque chose restât en sa place, & pour cela, voici l'expédient dont ils s'aviserent.

Toutes les portes extérieures de la Maison furent fermées. Le service accoutumé fut interrompu. Les Freres ne firent ni pain ni cuisine, en-

sorte que les Prêtres se voyant affamés, auroient couru grand risque de payer chèrement le privilége exclusif du Bonnet, si le Pere Recteur qui étoit un homme prudent, & qui voyoit que les esprits s'échauffoient, n'eût promis de ne rien changer, jusqu'à ce que le R. P. Général eût prononcé sur une matiere aussi grave & aussi importante.



CHAPITRE IX.

*Frere Nicolas s'embarque pour
l'Amérique.*

C Ependant M. Fortieri qui n'avoit pas vu son Gendre depuis près d'un an , faisoit des perquisitions de tous côtés , écrivoit à tous ses amis & dans toutes les Villes d'Espagne pour tâcher d'en avoir des nouvelles.

Dona Fortieri surtout étoit dans une inquiétude mortelle. Elle ne sçavoit à quoi attri-

buer l'absence de celui qu'elle croyoit son mari. Car il faut observer que quoique ce scélerat fut paîtri de vices grossiers & de défauts sans nombre, il avoit sçu se déguiser si bien auprès de Victoria qu'elle n'avoit cru trouver en lui qu'un époux attentif ; fidèle & complaisant.

Frere Nicolas entendit parler de son histoire à Cadix, où les Missionnaires s'étoient rendus pour l'embarquement, & quoiqu'il ne fût pas facile de découvrir qu'elle le regardât

DE NICOLAS I. 55.

de si près, il ne laissoit pas que d'en concevoir de l'inquiétude; & il ne se sentit véritablement à son aise que quand il se vit en pleine mer. La traversée fut heureuse, & les Missionnaires arriverent au lieu de leur destination après une navigation de trois mois & demi.

CHAPITRE X.

Frere Nicolas arrive à Buenos - Aires.

ON débarqua à Buenos-Aires, Capitale de Rio de la

C iv

Plata. Il y avoit alors dans cette Ville quelques mouvemens qu'on vint assez difficilement à bout de calmer. Ils avoient été occasionnés par un traité qui venoit d'être signé à Madrid & à Lisbonne. Le Roi très-Fidèle cédoit au Roi Catholique l'Isle de S. Gabriel, & la Cour d'Espagne donnoit en échange quelques Provinces voisines du Brésil. *

Ces circonstances parurent très propres au Frere Nicolas.

* Traité conclu entre l'Espagne & le Portugal en 1752.

DE NICOLAS I. 57

pour faire éclater les horribles projets qu'il méditoit depuis longtems. Cependant comme il craignoit le crédit des Jésuites , & qu'il pouvoit aussi bien être arrêté à Buenos-Aires qu'à Madrid , parce que cette Ville est très-bien gouvernée , il se déguisa & passa avec beaucoup de promptitude dans la nouvelle Colonie , autrement appelée l'Isle de S. Gabriel. Il n'y fut pas plutôt arrivé que , comme il avoit ses vûes , il s'appliqua uniquement à apprendre la Lan-

gue Indienne. C'est un jargon barbare, lequel n'étant assujetti à aucuns principes, est par conséquent très-difficile à saisir.

Cependant au bout de quelques mois, Nicolas en sçut assez pour se faire entendre de ceux dont il vouloit se faire des partisans. Il s'appliqua surtout à les gagner, en distribuant aux Principaux d'entr'eux des liqueurs fortes dont il avoit fait une ample provision à Cadix au nom des Missionnaires, & qu'il avoit trou-

DE NICOLAS I. 59
vé le secret de faire passer
dans l'Isle de S. Gabriel.

CHAPITRE XI.

Révolte des Indiens..

Nicolas commença par s'insinuer adroitement dans leurs esprits , & comme les Naturels du pays étoient en beaucoup plus grand nombre que les Portugais dans cette Colonie , il tâcha de réveiller au fond de leur ame ces sentimens de haine que les Européens y font naître par leur

inhumanité. Il leur représenta que c'étoit à eux seuls qu'on en vouloit par cet échange ; que, quand ils seroient une fois sous la domination espagnole, ils devoient s'attendre à l'esclavage & à la mort, parce que les Espagnols persuadés qu'ils avoient aidé les Portugais à se fortifier dans cette Isle, & à s'y maintenir si longtems, méditoient d'en tirer la vengeance la plus éclatante, & la plus capable de contenir désormais les Peuples dans l'obéissance & le devoir.

Ce tissu d'impostures présenté avec des apparences de réalité à des Peuples naturellement crédules & soupçonneux, alluma dans leur cœur la fureur la plus étrange. On ne sçauroit se peindre les horreurs qu'ils commirent alors dans cette malheureuse Isle. Les Portugais furent presque tous massacrés. Nicolas avoit cru devoir faire tomber sur eux les premiers coups des Indiens afin de les rendre irréconciliables avec le reste de la Nation. On sçait assez, sans

que je le dise ici, que rien n'est comparable à l'antipathie que les Indiens ont naturellement pour les Espagnols & pour les Portugais : mais il faut l'avouer, ce n'est pas sans raison. Quest-ce qui ignore en effet que les Européens, lors de leurs Conquêtes dans le nouveau Monde, n'y établirent leur domination qu'en immolant à leur rage des millions de malheureux Sauvages dont tout le crime étoit d'avoir combattu pour la Religion de leurs Pères, & pour la Patrie. Ceux à

DE NICOLAS I. 63

qui on laissa la vie furent réduits en esclavage & confinés dans des mines, où l'avarice insatiable de leurs nouveaux maîtres les accabla de travaux & de mauvais traitemens. C'est de-là qu'est née dans le cœur des Indiens échappés aux fers des vainqueurs; cette haine implacable qu'ils leur ont jurée. Leur ame effarouchée par le spectacle effrayant de crimes inconnus dans le sein de la barbarie, ne peut être touchée des propositions qu'on leur

fait de tems en tems, pour les instruire des vérités saintes de la Religion. L'exemple même des florissantes Réductions * que les Jésuites ont établies au milieu des forêts, & dans les lieux les plus sauvages, ne peut faire impression sur eux. A peine en croyent-ils leurs semblables, lorsque ceux-ci leur peignent le bonheur dont ils jouissent dans ces nouveaux établissemens. Soupçonneux à l'excès, ils se

* On appelle ainsi des cantons qui sont des espèces de Paroisses gouvernées par les Jésuites.

. . DE NICOLAS I. 65
défient de tout ce qui vient
des Etrangers. Ils croient tou-
jours qu'on en veut à leur li-
berté , & qu'on s'étudie à leur
dresser des pièges , afin de les
réduire en servitude.

Le malheur des Indiens ces-
seroit bientôt sans doute , si
les sages Ordonnances des
Rois d'Espagne & de Portu-
gal étoient exécutées. Mais
un inconvénient presque inévi-
table dans un pays si éloigné
de la Cour & des yeux des
Ministres , c'est qu'il se trouve
toujours grand nombre d'Of-

ficiers subalternes qui ne craignent pas , pour s'enrichir, de commettre les injustices les plus criantes.

Ce n'est pas que les vûes des Chefs ne soient pures : mais obligés qu'ils sont de s'en rapporter sur beaucoup de menus détails , à des gens sans mœurs, sans probité & sans humanité, ils ne peuvent réprimer tous les désordres ; en sorte que ces petits Tyrans, sous prétexte de faire observer les Loix , font travailler les Indiens sans relâche & sans

ménagement. Il est impossible de décrire les excès auxquels ils se portent envers ces infortunés esclaves. Les Commandeurs ne songeant qu'à s'enrichir, & peu délicats sur les moyens de le faire, n'estiment un homme qu'autant qu'il contribue à leur fortune par son travail actuel. Ils ne veillent point par conséquent à la conservation des Indiens ; parce que, s'ils périssent, la perte est pour le Roi. C'est de-là que la plûpart d'entr'eux se livrant au désespoir, cher-

chent de toutes les manieres imaginables à s'échapper des souterrains dans lesquels on les traite si cruellement. S'ils en viennent à bout , ce sont pour les Espagnols ou les Portugais autant d'ennemis irréconciliables.

Souvent même ils s'attroupent , & s'armant de tout ce que la rage met sous leurs mains , ils portent la désolation , le carnage & la mort jusqu'au milieu des établissemens de leurs anciens maîtres.

Nicolas , voyant que ses

DE NICÔLAS I. 69

cruels desseins lui réussissoient, plus même qu'il n'avoit osé s'en flatter, s'empara du Fort du S. Sacrement, & s'y fortifia avec tout le soin imaginable. Il en confia le gouvernement à un Indien qui lui avoit paru propre à entrer dans ses vûes, par tous les forfaits dont il s'étoit souillé sous ses yeux. Les plus audacieux étoient ses plus chers confidens. C'étoient ceux-là qu'il appelloit dans leur Langue, *les Fils du Soleil & de la liberté.*

CHAPITRE XII.

*Les Missionnaires sont chassés
de l'Isle de S. Gabriel.*

LEs Missionnaires , témoins du carnage affreux que les Indiens venoient de faire , s'étoient retirés dans la principale Eglise de l'Isle , & s'occupoient à calmer par les motifs les plus puissans de la Religion l'effroi & l'épouvante de ceux qui avoient cherché leur salut aux pieds des Autels. Ils attendoient la mort ,

DE NICOLAS I. 71

& ils y exhortoient les tristes
compagnons de leurs mal-
heurs.

Nicolas, conduisant une
troupe de furieux vient du
côté de ce Temple auguste,
la fureur peinte sur le front,
& le blasphême dans la bou-
che. Il alloit y entrer, & s'y
souiller sans doute des plus
horribles sacrilèges, lorsque
le Pere Mascarès n'écoutant
alors que les mouvemens de
son zèle & de sa charité, se
présenta à la porte de l'Eglise,
le Crucifix à la main, & parla

en ces termes à cette * Horde de Barbares & à leur Conducteur impie. « Reconnoissez » votre Dieu, vos Prêtres, & » redoutez ses vengeances. »

Ce peu de paroles prononcées avec cette énergie & ce pathétique que la Religion seule peut inspirer, arrêta tout à coup ces Barbares, & sembla les glacer d'effroi.

Nicolas s'en apperçut, & répondant fièrement au zélé Missionnaire, que personne n'osât sortir sans son ordre,

Troupes de Barbares.

il

il se retira dans une place voisine , où ayant rangé ses soldats en ordre de bataille , il envoya dire aux Jésuites de venir lui rendre compte de leur conduite.

Ces Peres se rendirent en Procession dans la Place. Ils crurent que cet acte de Religion frapperoit même la plupart de ces Indiens qui étoient presque tous Chrétiens , & sauveroit la vie à ceux qui se présenteroient en quelque sorte sous la sauve-garde de la Religion.

D,

Ce qu'ils avoient prévu , arriva. Tous ceux qui les suivoient furent épargnés. Nicolas menaça seulement les Missionnaires de leur faire subir les plus grands supplices , s'ils se mêloient directement ou indirectement des affaires présentes. Ayant trouvé même qu'ils étoient en trop grand nombre , il en renvoya la plus grande partie à Buenos-Aires. Il ne doutoit pas que la révolution qu'il venoit d'occasionner n'y fût connue : ainsi il jugea qu'il ne risquoit rien

DE NICOLAS I. 75
en les y faisant conduire. Pour
ceux que la politique lui fit
retenir, il chargea quelques
Indiens affidés de veiller sur
leur conduite, & de l'instrui-
re exactement de tout ce que
ces Religieux feroient ou di-
roient. Il ne fut que trop bien-
servi; car il en fit mourir vingt-
cinq en dix-neuf jours, sous
différens prétextes.



CHAPITRE XIII.

*Nicolas se fait proclamer Roi du
Paraguay.*

Nicolas fier d'un succès si éclatant , ôsa s'arroger le nom de Roi du Paraguay. Les Indiens qui crurent être affranchis pour jamais de la domination des Européens , le lui déférèrent avec de grands cris , & de vives démonstrations de joie. On frappa même à cette occasion

DE NICOLAS I. 77
plusieurs Médailles qu'on a
vues avec indignation en Eu-
rope.

La premiere de ces Mé-
dailles représente d'un côté Ju-
piter foudroyant les Géans
& de l'autre on voit le buste
de Nicolas I. avec ces mots :

Nicolas I. Roi du Paraguai.

La seconde Médaille repré-
sente un combat sanglant, avec
les attributs qui caractérisent
la fureur & la vengeance. Sur
l'exergue on lit ces mots :

*La vengeance appartient à Dieu ,
& à ceux qu'il envoie.*

D iij

CHAPITRE XIV*Conquêtes de Nicolas I.*

ENcouragé par cette première Victoire, & plus encore par l'appas du butin, Nicolas songea à tenter de nouvelles Conquêtes. Il auroit fort souhaité s'emparer de Buenos-Aires : mais se croyant trop foible pour une telle entreprise, il tourna ses armes du côté des *Réductions*. C'est ainsi qu'on appelle les établissemens que les PP. Jésuites ont for-

més au milieu de ces pays barbares. Ce fut dans la Province de l'Uraguai qu'ils jettèrent d'abord les yeux pour le grand ouvrage qu'ils méditoient. Leur dessein étoit de conquérir à J. C. tant de vastes contrées, où le vrai Dieu n'avoit pas un seul adorateur. Rien de si grand, rien de si héroïque que ce projet ; il étoit digne du zèle le plus apostolique, de ce zèle en un mot que la Religion seule peut inspirer, & soutenir au milieu des plus grands dangers.

La Province de l'Uraguai située à l'Orient du Paraguai est environnée d'une chaîne de montagnes, au pied desquelles on voit une fertile & riante campagne, qu'un fleuve qui a donné son nom à ce pays, arrose dans une espace de près de deux cens cinquante lieues. C'est sur les bords charmans de ce fleuve que les Missionnaires établirent les premières Réductions. On y en compte aujourd'hui plus de trente, composées chacune de plus de sept ou huit cens

DE NICOLAS I. 81
habitans. C'est avec des pei-
nes incroyables que les Missio-
naires sont venus à bout de
civiliser ces misérables In-
diens, & de leur apprendre à
cultiver la terre. Enfin ils ont
réussi avec du tems, du zèle
& de la patience ; & il y a
telle Réduction qui l'emporte
sur beaucoup de Villes de l'Eu-
rope par la Police admirable
qui s'y observe, par les for-
ces de ses habitans, par l'a-
bondance des choses nécessai-
res à la vie, & même par les
richesses. Il est vrai que ce ne

sont pas certains particuliers. qui ont du superflu , pendant que d'autres particuliers manquent des choses les plus nécessaires à la vie. Ces richesses sont pour tous les Indiens rassemblées dans le même lieu : c'est une espece de trésor public , duquel on tire des secours pour ceux qui sont dans l'indigence.

Ce fut de ce côté-là que Nicolas dirigea sa marche. Quand il sortit de l'Isle de S. Gabriel, il avoit à ses ordres environ cinq mille hommes ,

DE NICOLAS I. 83
tous gens déterminés , &
prêts aux plus grands crimes.
Mais à peine eut-il fait cin-
quante lieues dans les terres ,
qu'une foule incroyable de
brigands de toutes Nations ,
d'Européens & indiens , vint
offrir ses services à un si di-
gne Chef. Nicolas les reçut
avec distinction , à propor-
tion de leur audace & de leur
intrépidité. Cependant com-
me il se voyoit à la tête de
près de dix-huit mille hom-
mes , il crut devoir partager
cette armée en deux Corps ,

& cotoyer sur deux colonnes
le fleuve de l'Uruguay.

Un nommé Mario, qu'il
avoit connu en Espagne, lui
parut capable de commander
sous lui cinq mille hommes
qu'il détacha du gros de l'ar-
mée. Ce Mario avoit servi
quelque tems dans son pays
en qualité de Sergent, & il
n'en étoit sorti que, parce
qu'ayant déserté plusieurs fois,
il méritoit la mort suivant les
Loix de la discipline militaire.

Il faut avouer que ce fut
un bonheur pour Nicolas d'a-

DE NICOLAS I. 85

voir rencontré un tel homme au milieu des déserts du Paraguarí; car comme il ignoroit absolument l'art de la guerre, les Indiens, faute d'entendre les évolutions militaires, marchaient & combattoient en désordre. C'est ce qui engagea Nicolas à s'arrêter auprès de S. Dominique, Réduction très-considérable qu'il ruina entièrement, afin que Mario pût discipliner ces Barbares, les diviser par Compagnies, leur apprendre à se rallier dans un combat, à

marcher en avant, à distinguer leurs Officiers, & à être attentifs aux différens ordres qu'on leur donnoit, afin de les exécuter fidelement.

Cependant Nicolas qui n'avoit encore été qu'un Roi confondu dans la foule, résolut de prendre des ornemens convenables à sa nouvelle dignité. Il se couvrit les épaules d'un manteau d'écarlate dont les boutons étoient de cuir doré. Il avoit une large ceinture de soie verte, relevée de plusieurs petits mor-

ceaux de verre ; ce qui est un grand ornement dans ce pays. A son côté étoit suspendu un large coutelas qui n'a jamais été ensanglanté que du sang des sien ; car quand on l'offense , il sçait se faire justice à lui-même de la maniere la plus terrible. On compte jusqu'à cent soixante Indiens tués de sa propre main pour n'avoir pas , faute d'intelligence , bien exécuté ses ordres. Il se choisit aussi des Gardes qui l'escortoient avec un faste ridicule au milieu des déserts du

nouveau Monde. Il affectoit encore de se faire porter par des esclaves, & c'étoit à qui auroit l'honneur d'être choisi pour un si noble emploi. Un Européen précédoit ce pompeux cortége, l'épée haute, & menaçant de la mort quiconque n'obéiroit pas au Roi son maître.

On dit cependant que les jours de bataille, il se contente de commander & de combattre par ses Généraux. Soit raison politique, soit lâcheté, il n'expose plus une tête

DE NICOLAS I. 89
te si précieuse aux dangers
qui sont inséparables des ex-
péditions militaires. C'est un
Roi d'Orient qui fait la guer-
re du fond de son Sérail.

CHAPITRE XV.

*Combat entre Nicolas I. & qua-
tre Réductions que le danger
avoit réunies.*

LA marche de ce phantôme de Roi jeta la conster-
nation au milieu des Réduc-
tions. Les Missionnaires sça-
voient ce qu'ils avoient à

craindre d'une troupe de furieux qui ne respiroient que le sang & le carnage. Cependant l'orage étant prêt à fondre sur eux , ils s'assemblerent & délibèrent sur ce qu'ils doivent faire pour le conjurer. Il fut résolu qu'on iroit au devant de Nicolas pour tâcher d'obtenir de lui qu'il n'attaquât point de pauvres Indiens qui ne l'avoient jamais offensé , & qui ne s'opposoient nullement à son passage.

On députa à cet effet huit Missionnaires qui se firent sui

vre de cent robustes Indiens chargés de rafraîchissemens, & de tout ce qu'il y avoit de plus précieux dans les Réductions. Dès qu'ils furent à la vûe du camp de Nicolas, deux des Missionnaires s'avancerent avec confiance & demanderent à parler au Chef.

Ces Missionnaires furent conduits à la tente du Capitaine des Gardes. C'étoit un Anglois qui avoit passé les mers pour mettre quelque intervalle entre lui & l'échafaut. Après avoir fait longtems at-

tendre ces Députés , il parut enfin , & reçut les Peres avec un dédain insultant. *Il vous convient bien*, leur dit-il en espagnol , *d'oser résister au plus grand Roi du Monde. S'il m'en croit, il vous exterminera tous.* Un des Peres ayant voulu lui répondre , qu'ils n'avoient jamais prétendu s'opposer à Nicolas , qu'ils venoient le supplier de ne les pas traiter en esclaves , il les interrompit brutalement , en leur ordonnant de le suivre.

Il y avoit un triple retran-

chement autour de la tente de Nicolas. C'étoit de larges fossés d'une profondeur étonnante. Trois cens Indiens étoient cantonnés au fond de chacun de ces fossés. Au centre de cette circonvallation étoit une tente , ou édifice mobile. On n'y pouvoit parvenir que par trois issues opposées entr'elles. Ce brigand avoit cru devoir prendre ces précautions pour la sûreté de sa personne , & pour inspirer à ceux mêmes qui l'avoient fait ce qu'il étoit, du respect

pour leur ouvrage.

Les Missionnaires ayant été enfin introduits dans l'endroit où Nicolas donnoit ses audiences , il les reçut avec cet appareil ridicule de grandeur qu'un vil Chef de voleurs croyoit se donner , en imitant mal le cérémonial de la Cour d'Espagne , où il n'avoit jamais connu que des valets.

Les Jésuites voulant se conformer aux mœurs du lieu où ils se trouvoient , & fléchir un Barbare qui ajoutoit à l'orgueil espagnol la férocité

DE NICOLAS I. 95

d'un Sauvage , s'approcherent
de lui respectueusement , &
lui tinrent ce discours.

„ Illustre Chef d'un Peuple
„ libre , des Indiens qui sont
„ vos freres , & qui redoutent
„ votre colere , nous ont en-
„ voyés vers vous pour vous di-
„ re : le Dieu que nous adorons
„ protège ceux qui ne font
„ point d'injustices. Voudriez-
„ vous réduire en esclavage des
„ malheureux qui ne possé-
„ dent d'autres richesses que
„ celles qu'ils arrachent à la
„ terre avare ? Nous vous en-

„ voyons des fruits que nos
„ laborieuses mains ont cueil-
„ lis dans des lieux , où il n'y a-
„ voit jadis que des ronces &
„ des serpens. Puissent ces pré-
„ sens champêtres vous être
„ agréables , & détourner des-
„ sus nos têtes les flèches de
„ vos redoutables Guerriers.
„ Les Robes * noires nous
„ assurent que vous êtes notre
„ frere en J. C. & que vous
„ ne voulez pas nous perdre.

Nicolas répondit en peu de
mots : „ Que les Réductions

» ne s'opposent point à mon
 » passage , sinon vous en ré-
 » pondrez. Dieu abandonne
 » ce pays à ceux qui sçavent
 » combattre & vaincre.

Nicolas affectoit ce ton oriental d'après quelques mauvais livres qu'il avoit lûs étant Portier chez les Jésuites. Il croyoit que cela ajoutoit à la dignité du personnage qu'il faisoit. Ses réponses étoient toujours mystérieuses. Il y avoit néanmoins de la politique dans cette conduite , & plus d'art qu'on auroit été

tenté d'en soupçonner dans un tel homme.

Les Missionnaires s'en retournerent assez contens, parce qu'il leur paroissoit que leurs présens avoient été bien reçus. Les Grands de la Cour de Nicolas paroissoient enchantés de quelques centaines de couteaux, de ciseaux & de choses semblables que les Jésuites avoient distribués avant leur départ. Mais ces Peres comptoient surtout sur la protection d'une espece de premier Ministre de Nicolas.

Ils l'avoient mis dans leurs intérêts , en lui faisant présent d'une agraffe d'argent , d'une paire de boucles d'argent , & d'un assez beau couteau dont le manche étoit travaillé avec gout.

Ce Vizir de nouvelle institution n'avoit encore rien vû de si beau dans le Palais ambulant de son Maître. Il promit donc la paix aux Jésuites , & l'on prétend même qu'il parla beaucoup pour eux à Nicolas , en lui montrant les présents qu'on lui avoit faits. Mais

Nicolas qui sçavoit que cet Indien avoit beaucoup de crédit sur l'esprit des Sauvages, & qui craignoit que son ardeur ne se refroidît, lui dit en peu de mots : « Cacique, »
» on te trompe. Les Robes »
» noires ont des appartemens »
» remplis de pareilles curiosités. Allons dans les lieux »
» qu'ils habitent, nous choisirons. »

Ce peu de paroles ralluma le courage du stupide Indien. Il fit briller aux yeux des siens les libéralités des Jésuites ; &

DE NICOLAS I. 101

ce que ces Peres croyoient de voir leur procurer une paix durable , fut justement ce qui attira sur eux le poids de la guerre la plus funeste & la plus sanglante. *Non hos servatum munus in usus.*

A peine les Jésuites avoient-ils consolé leurs chers Indiens , que la joie qu'ils avoient répandue parmi eux se convertit bientôt en tristesse & en deuil. On vit arriver de toutes part dans les Réductions ceux des Néophytes qui sont chargés en tout tems de bat-

tre les campagnes de peur des surprises. Ils publioient qu'une armée formidable s'avançoit du côté des Réductions, & que les cruautés que ces brigands exercoient étoient incroyables. Ils disoient que plusieurs d'entr'eux avoient été dévorés par ces Anthropophages. En un mot ils racontoient des choses trop capables d'effrayer une timide populace toujours susceptible des impressions que font sur elle les récits extraordinaires.

Les Corrégidors & les Jé-

suites ayant tenu conseil de guerre, il fut résolu qu'on assembleroit tous les Indiens capables de combattre, qu'on leur distribueroit des armes, & qu'on s'avanceroit en bon ordre dans la campagne afin de couvrir les Réductions.

Mais à peine avoit-on fait une lieue qu'on apperçut l'armée de Nicolas, qui marchoit à petits pas, & en ordre de bataille.

Les Corrégidors ayant disposé leurs troupes le plus avantageusement qu'ils purent,

députerent un Hérault vers Nicolas pour lui demander s'il apportoit la paix ou la guerre. Mais à peine l'Envoyé fut-il à portée de l'avant-garde ennemie qu'un Portugais le tua d'un coup de fusil.

Cette barbarie ayant été commise à la vûe des Corrégidors & des Jésuites, on ne douta plus qu'il n'en fallût venir aux mains avec un ennemi si féroce & si sanguinaire. En effet, à peine les deux armées se trouverent-elles en présence, & à la portée

de la Mousqueterie , qu'un Parti d'aventuriers commandés par le Capitaine des Gardes dont nous avons déjà parlé , vint fondre avec furie sur les troupes des Réductions. Le choc fut rude , & peu de ces Barbares échapperent à l'épée des Néophites. Il est vrai que les vainqueurs payerent cher cet avantage ; car ils perdirent près de six cens hommes de leurs meilleures troupes : mais ce qui fut pour eux plus funeste que ne l'eût été une défaite complete , ce fut :

la mort du Cacique Dom Louis de Marica. Ce brave homme s'étant trop exposé en voulant donner des ordres pendant le premier feu, reçut un coup de flèche dans la tempe droite, dont il expira sur le champ. Les soldats Indiens, quoique naturellement fort braves, se voyant sans Général, perdirent tout-à-fait courage. Ce fut dans ce moment critique que le gros de l'armée de Nicolas vint tomber sur les troupes des Réductions. Elles ne rendirent

presque plus de combat , & se débänderent , en poussant des cris lamentables , & en se recommandant aux prieres des Missionnaires. Il s'en fit un carnage épouvantable. Mais ce qui se passa ensuite dans les Réductions est digne de larmes éternelles. Ensevelissons dans l'oubli le plus profond les profanations , les sacrilèges & les horreurs dont ces tristes climats viennent d'être témoins. On ne pourroit les décrire qu'à la honte de l'Humanité. Ces abominations fu-

rent telles que des Hurons , ou des Cannibales de sang froid en auroient été pénétrés d'horreur. Les quatre Réductions qui s'étoient réunies pour détourner le malheur commun , & tous les Missionnaires ayant été inhumainement massacrés , Nicolas fondit comme un torrent impétueux sur toutes les Peuplades qui sont entre le Parana & l'Uragai. Ce furent partout les mêmes dévastations , & malheureusement pour ces Peuples infortunés , Mario seconda trop

bien l'infame Brigand à la fortune duquel il s'étoit attaché.

Le bruit des victoires de Nicolas ayant été porté jusqu'aux Mammelus, ces peuples lui députerent une célèbre Ambassade, & l'inviterent à se rendre à Saint Paul, pour y établir le siège de son Empire.

Il ne sera pas hors de propos de donner une description abrégée de cette Ville & des mœurs de ses Habitans.

La Ville de Saint Paul, qu'on nomme autrement Pa-

ratininga , est située au-delà de Rio Janeiro , & vers le Cap de Saint Vincent , à l'extrémité du Brésil. Ce furent les Portugais qui bâtirent cette Ville : mais à peine y furent-ils établis qu'il leur arriva ce qui étoit arrivé aux anciens Romains : ils manquerent de femmes. Ils se virent donc contraints d'en prendre chez les Indiens. De ces Mariages bizarrement assortis , naquirent des enfans qui eurent tous les défauts de leurs meres , & peut-être ceux de leurs peres , sans avoir aucu-

DE NICOLAS I. i i i
nes de leurs vertus. La seconde génération étoit déjà dans un tel décri, que les Villes voisines auroient cru se déshonorer, si elles eussent continué de vivre en commerce avec des peuples si corrompus. Pour marquer même le souverain mépris qu'on avoit pour eux, on leur donna le nom de *Mammelus*, nom sous lequel ils ont été connus depuis.

Il y a déjà long-tems qu'ils ont secoué le joug du Portugal & qu'ils n'obéissent plus

112 HISTOIRE

aux Gouverneurs envoyés dans ce pays par le Roi très-fidèle. Il s'est donc formé dans cette Ville une espece de République, qui a ses Loix & son Gouvernement particulier.

Il est bon encore de remarquer que cette Ville s'est formée comme l'ancienne Rome du rebut de toutes les Nations. C'est l'asyle de tous ceux qui se sont dérobés aux supplices dûs à leurs crimes, ou qui cherchent à mener impunément une vie licentieuse. Les Negres fugitifs, les Voleurs,

DE NICOLAS I. 113

les Assassins , sont sûrs d'y être bien reçus.

La situation avantageuse de Saint Paul & les Fortifications que les Habitans y ont fait faire , ont fait perdre aux Rois de Portugal l'espérance de remettre cette Ville dans le devoir ; & même encore aujourd'hui , si les Mammelus payent un cinquième de l'or qu'ils tirent de leurs mines , au Roi très-Fidele , ils ont grand soin , en payant , de protester qu'ils sont indépendans , & que c'est un présent qu'ils font au Roi

114 HISTOIRE
de Portugal , pour lui témoi-
gner le respect qu'ils ont pour
sa Personne sacrée.

CHAPITRE XVI.

*Nicolas I. reconnu Roi du Para-
guai & Empereur des Mam-
melus.*

ON ne doit pas être sur-
pris que les Mammelus frap-
pés de l'éclat des conquêtes
de Nicolas , lui ayent offert la
Ville de Saint Paul & la Cou-
ronne Impétiale. Ces peuples
ne vivant eux-mêmes que de

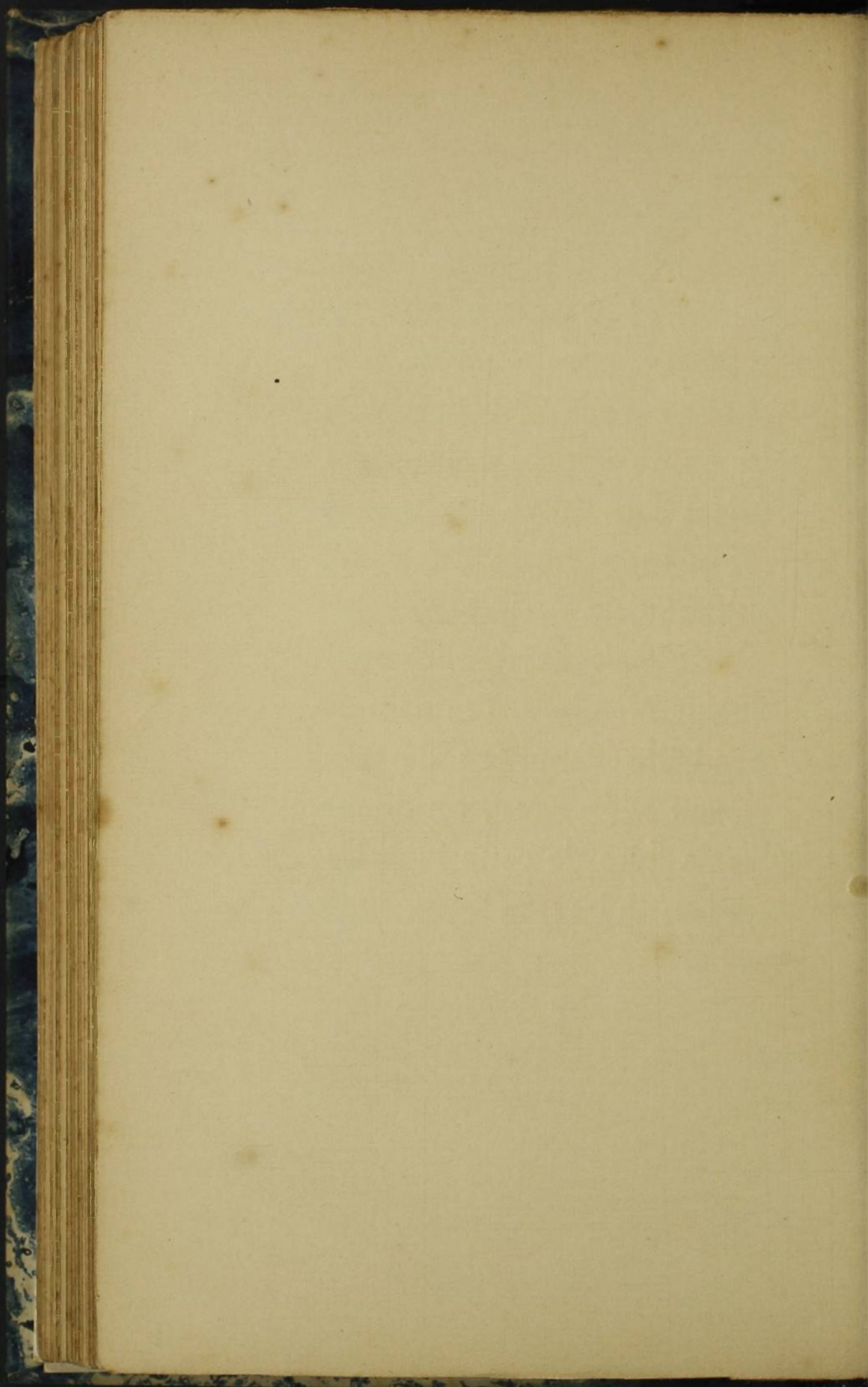
brigandages, ont été bien aises de se donner un Chef accrédité. Ce fut à Ciudad Real que les Envoyés de Saint Paul le joignirent, & lui firent les offres les plus brillantes & les plus flatteuses.

Nicolas se hâta de se rendre dans cette Ville. Il chargea un de ses principaux Officiers de faire construire des voitures sur les bords du Parana, & de les charger du butin immense qu'il avoit embarqué sur ce fleuve dans des Bâles ou Batteau de transport

en usage dans ce Pays. Pour lui, il partit à la tête de six mille hommes d'élite & fit son entrée dans Saint Paul le 16 Juin 1754, avec toute la pompe d'un grand Roi qui triomphe de ses ennemis, après avoir terminé une guerre juste & légitime. On dit que le 27 de Juillet suivant il fut couronné Empereur des Mammelus dans la principale Eglise de Saint Paul (car il y a dans cette Ville beaucoup de Religieux, ainsi que tres peu de Religion;) & que tous les Habitans lui ont.

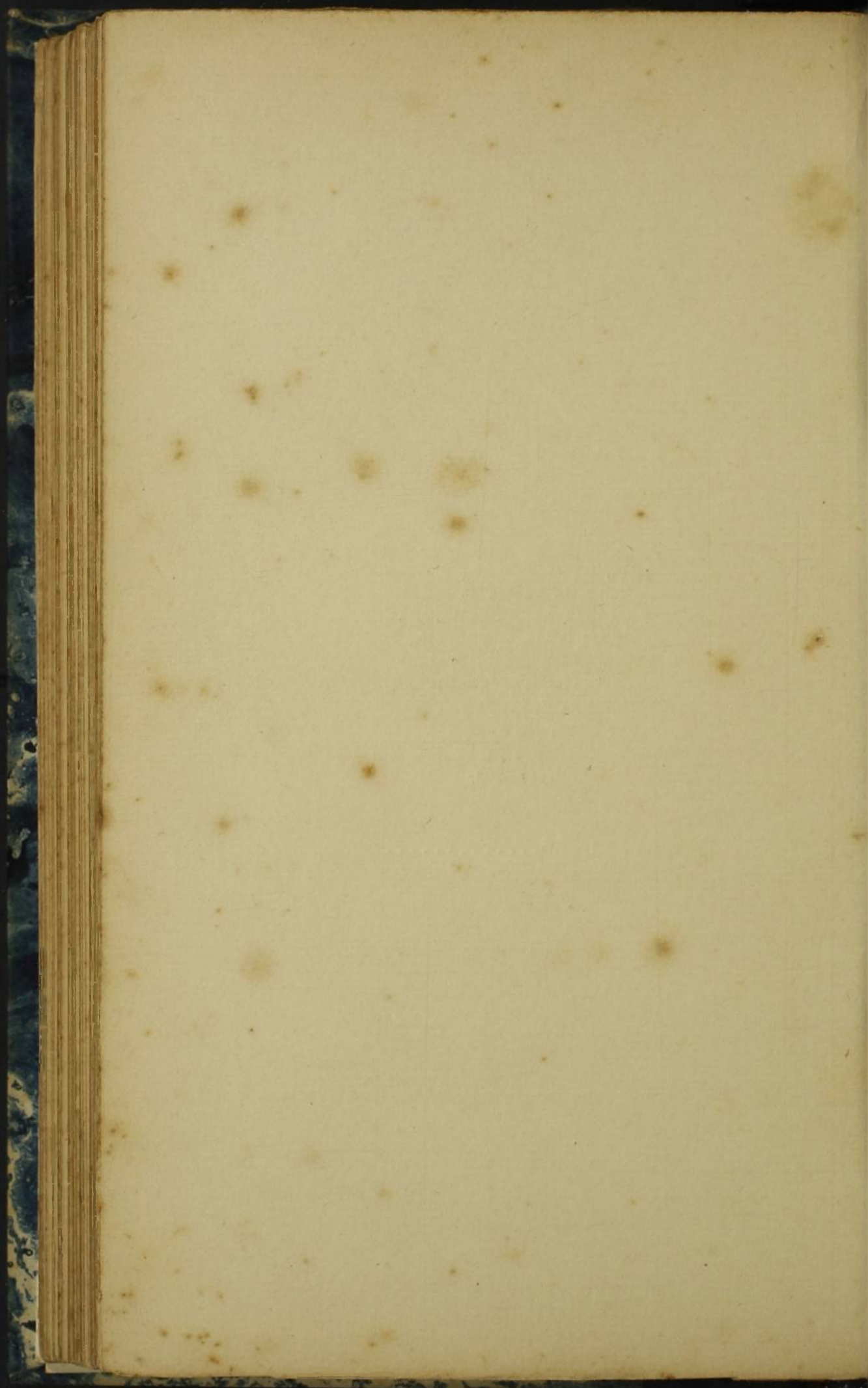
DE NICOLAS I. 117
prêté serment de fidélité. On
publie encore qu'il fait travail-
ler à un Code de Loix appro-
priées sans doute aux mœurs
& au caractère du Souverain,
& des Sujets. Au reste, comme
on ne sçait rien de plus détail-
lé sur Nicolas I. & qu'on at-
tend incessamment de nou-
veaux Mémoires, on donne-
ra la suite de cette Histoire,
dès qu'on les aura reçus.

F I N.



Acabou-se de imprimir êste
livro na Tipografia Coelho,
na cidade do Rio de Janeiro,
aos 30 de julho de
1944, para a Livraria
Editora Zelio Val-
verde. Desta edi-
ção foram tira-
dos 605 exem-
plares nu-
merados.

EXEMPLAR N.º.....62.....



Line. S. Serrani - 60

d. 4551 - of 30%

US 40. 18-11-65

Livroaria, Calif 4/85

california Fair, Similar
purch. rate
purch. time.

ZELIO VALVERDE
RIO

053890

